



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

**A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: SOCIABILIDADE ENTRE JOVENS NUMA
ESCOLA PÚBLICA EM PORTO ALEGRE**

GIANI MARI DA SILVA NUNES

DEZEMBRO - 2014



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

**A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: SOCIABILIDADE ENTRE JOVENS NUMA
ESCOLA PÚBLICA EM PORTO ALEGRE**

GIANI MARI DA SILVA NUNES

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção da Graduação em Bacharel em Ciências Sociais do Departamento do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação do Professor: Dr. **Sandro Rudit Garcia**

DEZEMBRO – 2014

GIANI MARI DA SILVA NUNES

**A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: SOCIABILIDADE ENTRE JOVENS NUMA
ESCOLA PÚBLICA EM PORTO ALEGRE**

Aprovada em _____ de _____ de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Professor(a) Dr.(a): _____

Professor(a) Dr.(a): _____

Professor(a) Dr.(a): _____

PENSAMENTO

“A construção do ser social, feita em boa parte pela educação, é a assimilação pelo indivíduo de uma série de normas e princípios sejam morais, religiosos, éticos ou de comportamento que balizam a conduta do indivíduo num grupo. O homem, mais do que formador da sociedade, é um produto dela.” Émile Durkheim

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por proporcionar-me esta vivência maravilhosa que foi realizar os estudos em Ciências Sociais, os conhecimentos adquiridos, as múltiplas trocas, as experiências compartilhadas, pessoas que conheci e que hoje muitas se tornaram amigos (as).

Agradeço aos mestres que passaram durante este percurso, todos foram especiais e de alguma maneira deixaram sua marca, em especial aos professores meu mestre querido e Orientador Dr. Sandro Rudit Garcia e ao professor colaborador Dr. José Vicente Tavares dos Santos.

Aos meus familiares pelo carinho e compreensão dos tempos de ausência, em festas, encontros familiares, nos almoços e jantares, meus amados sobrinhos que por eles enfrentei mais este desafio, mostrando-lhes que o ensino é a grande herança que podemos deixar.

Aos alunos, professores, equipe diretiva e funcionários do Escola Estadual onde realizei minhas pesquisas, o meu muito obrigado pela parceria e colaboração.

Meu agradecimento todo especial a uma pessoa que foi incansável, companheiro, amigo, ouvinte, psicólogo e acima de tudo meu grande incentivador e admirador, meu amor, minha vida, minha alma gêmea Clóvis Ramos Cardoso.

A todos que de uma maneira ou de outra contribuíram para a realização e execução deste trabalho. Meu muito obrigado.

RESUMO

Este estudo tem como tema central a sociabilidade entre os jovens e suas manifestações violentas na escola. A violência é um dos problemas sociais que mais preocupa a sociedade brasileira, principalmente quando inserida na escola. Este não é um fenômeno recente, mas vem gerando angústia e medo à sociedade pelas formas como acontece que envolvem pessoas cada vez mais jovens seja como vítimas ou agressores. Nessa perspectiva, a escola deixa de ser percebida como um espaço seguro, que visa à socialização mediante atitudes de respeito, amizade, e integração, para ser cenário de diversas violências, nas suas mais variadas formas, desde simbólica, verbal a física; este é um fenômeno social de significado e relevância para o estudo em questão. No esforço de construção da categoria sociabilidade violento na escola, a presente análise orientou-se pela seguinte indagação central: Como se constrói uma sociabilidade violenta no espaço escolar? Como hipótese norteadora da investigação, tem-se que as relações de poder entre os grupos e de marcar território tendem a levar à violência na sociabilidade entre os jovens no espaço escolar, desde que se conjugando, de forma complexa e indeterminada, com pais descomprometidos ou ausentes em relação aos filhos e com escolas pouco equipadas para operar com vulnerabilidades diversas e demandas de inclusão crescentes e socialmente legítimas. Em termos teóricos, o estudo fundamenta-se nos conceitos de violência e de sociabilidade, tentando captar combinações difusas entre diferentes fatores que concorrem para expressões contextuais de sociabilidade violenta entre jovens na escola. Em termos empíricos, a pesquisa recorre ao caso de uma escola da rede Estadual de ensino, situada na zona norte de Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Violência Escolar – sociabilidade e socialização - grupos dominantes

ABSTRACT

This study is focused on sociability among young people and their violent demonstrations in school. Violence is one of the greatest concern problems for Brazilian society, especially when inserted in school. This is not a recent phenomenon, but has generated anxiety and fear to society by the ways people are involving more and more young people, either as victims or perpetrators. In this perspective, the school is no longer perceived as a safe space, which aims to socialization attitudes of respect, friendship and integration, to be the scene of violence in its various forms, from symbolic, physical verbal; this is a social phenomenon of meaning and relevance to the study. In an effort to build violent sociability category at school, this review was guided by the following central question: How do you build a violent sociability at school? The guiding hypothesis of the research, has that power relations between groups and territory brand tend to lead to violence in sociability among young people in school, since it is the combination, complex and indeterminate, with not involved or absent parents towards children, and few schools equipped to operate with multiple vulnerabilities and increasing demands for socially legitimate inclusion. Theoretically, the study is based on the concepts of violence and sociability, trying to capture diffuse combinations of different factors that contribute to contextual expressions of violent sociability among young people in school. Empirically, the research refers to the case of a network of primary and secondary schools of the state, located in the north of Porto Alegre, State of Rio Grande do Sul.

Keywords: School Violence - sociability and socialization - dominant groups.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. VIOLÊNCIA E SOCIABILIDADE NA ESCOLA: ASPECTOS DA LITERATURA ESPECIALIZADA.....	14
1.1. VIOLÊNCIA E SOCIABILIDADE: CONSTRUÇÃO DOS CONCEITOS..	15
1.2. A QUESTÃO DA SOCIABILIDADE VIOLENTA NA ESCOLA.....	22
2. A ESCOLA EM ESTUDO E SEU CONTEXTO	32
2.1. A ESCOLA	32
2.1.2 Considerações do Projeto Político Pedagógico.....	34
2.1.3. Interpretação do Projeto Político Pedagógico.....	36
2.2. OS PROFESSORES.....	38
2.3. ATUAÇÃO DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO.....	41
3. SOCIABILIDADE VIOLENTA E SUAS EXPRESSÕES NA ESCOLA ESTUDADA.....	46
3.1. VIOLÊNCIA FÍSICA.....	51
3.2. VIOLÊNCIA VERBAL E PSICOLÓGICA.....	54
3.3. VIOLÊNCIA SIMBÓLICA – DESRESPEITO (AMEAÇAS E INSULTOS)	54
3.4. DISCRIMINAÇÃO E PRECONCEITO.....	55
3.5. VIOLÊNCIA DOMÉSTICA.....	56
3.6. BULLYING.....	57
CONCLUSÃO.....	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66
ANEXOS.....	74

INTRODUÇÃO

A violência é um dos problemas sociais que mais preocupa a sociedade brasileira, principalmente quando inserida na escola. Este não é um fenômeno recente, mas vem gerando angústia e medo à sociedade pelas formas como acontece que envolvem pessoas cada vez mais jovens seja como vítimas ou agressores. Nessa perspectiva, a escola deixa de ser percebida como um espaço seguro, que visa à socialização mediante atitudes de respeito, amizade, e integração, para ser cenário de diversas violências, nas suas mais variadas formas, desde simbólica, verbal a física; este é um fenômeno social de significado e relevância para o estudo em questão.

Constantemente, temos a veiculação na mídia de situações de violência nas escolas brasileiras. Essas notícias contribuíram para o aumento do temor e consternação dos pais, educadores e sociedade como todo. Crianças e adolescentes portam armas de fogo, drogas e até mesmo as chamadas “armas brancas”; agredem seus colegas por motivos banais.

O interesse na temática Sociabilidade Escolar entre Adolescentes e Jovens parte da necessidade de melhor entender esse fenômeno, posto que provoca situações que parecem ser um dos principais desafios educacionais contemporâneos no país.

Neste sentido, o problema de pesquisa é compreender e analisar: como os jovens/adolescentes constroem uma sociabilidade violenta no espaço escolar? O contexto escolar faz parte do processo de socialização, sendo, ademais, um espaço de sociabilidade entre os jovens, onde encontraremos várias relações intra e intergrupos, e apresentando-se como um lugar de encontro em vários ambientes possíveis nesse espaço social.

Isso requer a discussão das noções de socialização e sociabilidade, definindo esses dois conceitos para esclarecer as contribuições de um e de outro. A formulação clássica de socialização é dada por Émile Durkheim (1952), que compreende a educação como meio de socialização, onde educação é o processo pelo qual aprendemos a ser membros da sociedade, concebendo esse processo como uma das mediações maiores da integração coletiva. Como alternativa para essa definição dada por Émile Durkheim (1952), temos a contribuição do sociólogo George Simmel (1983), que se mostra contrário às afirmações do autor francês

quanto à proeminência do social sobre o individual. Segundo o autor alemão, a sociedade não é constituída apenas por indivíduos que internalizam valores, mas trata-se, isso sim, de indivíduos em dinâmicas de interação.

Nossa pesquisa conta também, com embasamento teórico em Dubet e Lahire, este último nos proporciona contribuições quanto ao tema da sociabilidade e socialização. Suas teorias vêm ao encontro com o que foi pesquisado em campo, sendo assim, teremos subsídios para entender e compreender este fenômeno social.

Lahire (1998) enfatiza que o processo de construção das identidades pessoais, pode ajudar na compreensão de algumas proposições sensíveis à problemática da socialização no mundo atual. François Dubet e Bernard Lahire contribuem na tarefa de explicitar uma nova forma de se compreender as experiências de socialização vividas na contemporaneidade. Essa heterogeneidade de experiências socializadoras identificada por Dubet é também familiar a Bernard Lahire.

Para Lahire (1998), aquilo que vivemos com nossa família, na escola, com amigos ou no trabalho, não é sinteticamente somado de maneira simples. Sem postular uma lógica de descontinuidade absoluta, pressupondo contextos diferentes, podem-se pensar as experiências como não sendo sistematicamente coerentes, homogêneas e compatíveis. Cada vez mais, o contato precoce com outros universos além da família está presente nas vidas de nossos jovens. Lahire afirma ainda que é difícil conceber um universo coerente e harmonioso em relação ao universo familiar. Para ele, é necessário constatar que a experiência da pluralidade de mundos tem todas as chances de ser precoce nas sociedades atuais. Vive-se simultânea e sucessivamente em contextos sociais diferentes e não equivalentes (Lahire, 2002, pp. 27-31 *apud* Setton ,Maria da Graça Jacintho, 2005).

Ao buscar compreender essa realidade, um primeiro passo é constatar que a relação da juventude com a escola não se explica em si mesma: o problema não se reduz nem apenas aos jovens, nem apenas à escola, como as análises lineares tendem a conceber. Segundo Pais (1993, p. 94), quando o ser humano passa a se colocar novas interrogações, a pedagogia e a escola também têm de se interrogar de forma diferente. Nesse sentido, cabe questionar em que medida a escola "faz" a juventude, privilegiando a reflexão sobre as tensões e ambiguidades

vivenciadas pelo jovem, ao se constituir como aluno num cotidiano escolar que não leva em conta a sua condição juvenil.

Lahire (1998), afirma que entre a família, a escola, os amigos e/ou as múltiplas instituições culturais que a criança e o jovem são levados a conviver, apresentam-se situações heterogêneas, concorrentes e, às vezes, contraditórias, no que se refere aos princípios da socialização.

A pesquisa empírica é realizada em uma Escola da rede Estadual, situada na zona norte de Porto Alegre, que faz parte do Sistema de Ensino do Estado do Rio Grande do Sul, focalizando um alunado que vai do 6º ano ao 7º ano do Ensino Fundamental, professores, funcionários e equipe diretiva, bem como alguns segmentos da sociedade e governo, como Conselhos Escolares e Secretaria da Educação.

O objetivo principal desta pesquisa é, portanto, compreender o processo e o contexto da formação de sociabilidades violentas na escola, com vistas a identificar e analisar fatores que se conjugam na construção social desse resultado. Investigar o cotidiano escolar consiste em buscar os significados atribuídos pelos sujeitos participantes desse ambiente aos movimentos de interação encontrados dentro da escola, como eles vêm esse espaço, quais as perspectivas e angústias trazidas para a instituição, como esse espaço é utilizado, não apenas como lugar de aquisição de conhecimento, relação essa dada entre professor e aluno na sala de aula, mas também em outros espaços fora da sala de aula. A hipótese de trabalho (fundamentada no Capítulo 1) é que as relações de poder entre os grupos e para demarcar territórios tendem a levar à violência na sociabilidade entre os jovens no espaço escolar, desde que se combinando com pais permissivos, descomprometidos ou ausentes com seus filhos e com escolas pouco equipadas para operar com vulnerabilidades diversas.

Para elaboração do trabalho, optou-se pela metodologia de abordagem qualitativa, com a realização de estudo de caso e âncora na revisão bibliográfica de autores como: Mirian Abramovay (2005), Émile Durkheim (1952), Marília Sposito (2001), George Simmel (1983), José Vicente Tavares dos Santos (2012), entre outros. A pesquisa de campo ocorreu em uma escola pública estadual, situada na cidade de Porto Alegre.

Os alunos entrevistados, no total de 81 (oitenta e um), são matriculados nos 6º e 7º anos do Ensino Fundamental, na faixa etária entre 12 e 15 anos. A escolha por estas séries deu-se pelo alto número de ocorrências, brigas, desavenças, *bullying*, desrespeito/ ofensas aos professores. As turmas foram escolhidas por serem pequenas e um dos pontos que mais contou foi a heterogeneidade das turmas quanto à faixa etária e à situação social e familiar dos alunos. As entrevistas foram realizadas com roteiro estruturado. Realizaram-se, ainda, dois Grupos Focais, sendo o primeiro com toda a turma da 702 com total de alunos 21 alunos e o outro grupo com oito alunos, do 6º e 7ª anos. O critério da escolha dos grupos focais foi pela dinâmica do dia; a turma 702 estava sem professores e a Direção da escola cedeu os períodos para nossa pesquisa, já, o grupo focal pequeno foi intencionalmente selecionado, reunindo jovens com maior ocorrência de violência e ofensas, jovens sem envolvimento com atos de violência e com alta reputação perante aos colegas e professores, e jovens com problemas de perseguição e histórico de bullying. A ideia foi juntar os alunos com suas particularidades para poder obter um debate consistente. As entrevistas no grupo focal foram gravadas, para melhor aproveitamento dos conteúdos, com o consentimento dos participantes.

Realizaram-se também entrevistas com professores e gestores (diretores e vice-diretores) da escola e com as respostas destes para as dezoito perguntas que fizeram parte do questionário. São, pois, a partir destas considerações que pretendemos traçar um panorama sobre como é organizada a sociabilidade entre os jovens na escola e outros espaços de suas vidas, como e porque ocorrem os conflitos de violência, como os professores enfrentam esta problemática e como os órgãos colegiados têm ajudado as escolas e quais suas argumentações a respeito. Faremos estudo dos conceitos, bem como definindo os tipos de violências mais ocorridas dentro da escola. Ademais são analisados documentos, como Regimento Interno da Escola, Projeto Político Pedagógico (PPP), atas e ocorrências policiais. Foram procedidas, em complemento, observações dentro das salas de aulas e nos intervalos das trocas de períodos como no recreio. Os questionários aplicados aos alunos foram no mês de agosto de 2014, as entrevistas com professores, direção e com o Senhor Julio Alejandro, da Secretaria da Educação do setor de Violências nas Escolas, foi realizadas no mês de setembro, já as entrevistas com os grupos focais em outubro, quanto às análises de documentos e as observações iniciaram-se no mês de agosto e com termino em novembro.

O trabalho ficou dividido em três partes, além desta Introdução onde se apresenta a dinâmica da pesquisa realizada e das conclusões alcançadas; O 1º capítulo consta a construção

dos conceitos, revisão bibliográfica dos tópicos considerados importantes para a compreensão da temática trabalhada como Violência e Sociabilidade na escola: aspectos da literatura especializada; Violência e Sociabilidade: construção dos conceitos; A questão da Sociabilidade Violenta na Escola; O 2º capítulo encontraremos a caracterização da escola, estrutura física, recursos disponíveis, quem são os professores e suas especializações, atuações da Secretaria da Educação, análise do PPP. Apresenta-se também neste capítulo o desenvolvimento das pesquisas, transcrição de depoimentos, bem como análises e interpretação destes depoimentos. No 3º capítulo teremos a pesquisa em si onde vai constar como é associabilidade violenta e suas expressões na escola estudada, quais os tipos de violência mais frequente apontada pela pesquisa e pelos grupos focais como: violência física, verbal, psicológica, violência simbólica, desrespeito (ameaças e insultos), discriminação e preconceito, violência doméstica e o bullying. Fecha-se o trabalho com nossas considerações finais e as conclusões a que chegamos, orientadas por nossas hipóteses.

.

1. VIOLÊNCIA E SOCIABILIDADE NA ESCOLA: ASPECTOS DA LITERATURA ESPECIALIZADA

A violência tem se tornado fonte de mudança na sociabilidade e de reflexão institucional nas escolas. A escola é o espaço de socialização e sociabilidade entre jovens e adolescentes, com múltiplas realidades e pensamentos diferentes, onde participam grupos distintos. A partir da década de 1990, com a sua expansão, passam então a receber um contingente cada vez mais heterogêneo de alunos, marcados pelo contexto de uma sociedade desigual, com altos índices de pobreza e violência, que delimitam os horizontes possíveis de ação dos jovens na sua relação com a escola. Esses jovens trazem consigo para o interior da escola os conflitos e contradições de uma estrutura social excludente, interferindo nas suas trajetórias escolares e colocando novos desafios à escola (Sposito, 2005).

É relevante considerar as formas de sociabilidade dos jovens na atualidade, pois é no grupo que o jovem busca reconhecimento social, constrói a sua identidade, e manifesta suas ilusões de consumo e de poder. O jovem encontra nos grupos de seus próximos a possibilidade de se destacar, de tornar-se sujeito. Segundo Tavares dos Santos (1999), investigar o cotidiano escolar consiste em buscar os significados atribuídos pelos sujeitos participantes desse ambiente aos movimentos de interação encontrados na escola, como vêm esse espaço, quais as perspectivas e angústias trazidas para dentro da instituição, como esse espaço é utilizado, não apenas como lugar de aquisição de conhecimento, relação essa dada entre professor e aluno na sala de aula, mas também os outros espaços fora da sala de aula.

A escola e seus professores são desafiados a pensar nas representações tradicionais de juventude que dão sustentação aos discursos e às práticas que circulam no contexto escolar. Dayrell (2003) destaca que o entendimento da juventude como uma fase de problemas e de conflitos, tem criado uma imagem negativa sobre o que é ser jovem, advertindo sobre a importância de uma problematização de tais representações, para que possamos viabilizar uma compreensão sobre os modos pelos quais os jovens constroem as suas experiências. Em suas análises sobre os jovens e a escola, Dayrell (2009) enfatiza também que é necessário compreender a condição juvenil:

O modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais, de classe, gênero, etnia, etc. (DAYRELL, 2009, p. 17).

Esboçam-se a seguir os contornos dos conceitos de violência e de sociabilidade utilizados na investigação, passando-se em seguida à discussão e sustentação, com base na literatura especializada, da questão que orienta a pesquisa sobre uma *sociabilidade violenta na escola*.

1.1. VIOLÊNCIA E SOCIABILIDADE: CONSTRUÇÃO DOS CONCEITOS

Dada a complexidade do fenômeno e a difícil tarefa de conceituá-lo, este estudo discute o conceito de violência, resgatando a abordagem de autores como Andrade (2007), Costa (1986), Mendes (2009), Michaud (2001) e Bobbio (2009). O termo violência é polissêmico.

Numa definição mais estrita Norberto Bobbio afirma,

Violência é a intervenção física de um indivíduo ou grupo contra outro indivíduo ou grupo. Para que haja violência, é preciso que a intervenção física seja voluntária [...] a intervenção física na qual a violência, consiste ter por finalidade destruir, ofender e coagir (apud MENDES, 2009, p. 35).

Voltando ao conceito de violência, como diria Andrade (2007, p.1): “A violência fácil senti-la; mas, difícil conceituá-la e explicá-la”. O autor critica alguns psicanalistas por naturalizarem a violência, de modo a torná-la intrínseca ao ser humano. Desta forma, Andrade atribui à violência uma importância categórica na biografia humana, mas não chega a naturalizá-la, embora a entenda, em parte, como biológica, ou seja, instintiva, quando os seres humanos vivem segundo a natureza e não, segundo a cultura. Todavia, vê na cultura um fator determinante para a existência da violência. (ANDRADE, 2007, p. 3)

Numa definição mais abrangente incluir outras formas de expressão da violência. Isso constitui uma grande dificuldade para compreender esse fenômeno, embora as formas físicas sejam as que mais chamem a atenção pela sua dramaticidade e crueldade, mas não se podem subestimar tantas outras faces da violência, a exemplo da violência simbólica.

Desta forma, o conceito de violência além de complexo é bastante amplo como logo será visto. É o que faz Costa,

Violência é o emprego desejado da agressividade, com fins destrutivos. Esse desejo pode ser voluntário, deliberado, racional e consciente, ou pode ser inconsciente, involuntário e irracional. A existência desses predicados não altera a qualidade especificamente humana, da violência, pois o animal não deseja, o animal necessita. E é porque o animal não deseja que seu objeto é fixo, biologicamente predeterminado, assim como o é a presa para a fera. Nada disso ocorre na violência do homem. O objeto de sua agressividade não só é arbitrário como pode ser deslocado. Este pressuposto é indissociável da noção de irracionalidade que acabamos de mencionar e corrobora a presença do desejo em qualquer atividade humana inclusive na violência. (COSTA, 1986, p. 39)

Nesse sentido, as ações humanas de violência estão intimamente ligadas ao passado e ao elemento fundamental da natureza, humana ou animal, a agressividade. Hoje, agregando elementos como a religião, ideologias, armas, altas tecnologias entre outros.

Levando em consideração as reflexões expostas aqui, a definição de Michaud (2001) é a que mais se aproxima do contexto geral deste estudo.

Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indiretamente, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou varias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas participações simbólicas e culturais. (PAREDES, SAUL, BIANCHI, 2006 apud MICHAUD, 2001, p. 10-11)

Dessa forma, entende-se violência como uma ação direta ou indiretamente vinculada a uma pessoa ou grupo, de maneira a intervir na integridade física, psicológica e moral de uma pessoa ou grupo. A noção de violência cobre, portanto, uma vasta gama de eventos e fenômenos nos quais o ato violento é a expressão da imposição das necessidades, expectativas e vontades de um ator social sobre as necessidades, expectativas e vontades de outro ator. Nesse sentido, diversos autores (TAVARES DOS SANTOS, 1999; 2004; SAWAIA, 2004;

VELHO, 2000; WIERVIORKA, 1997; ZALUAR; LEAL, 2001) reconhecem a violência como a expressão de um conflito no interior de uma dinâmica de poder.

A violência se apresenta em suas diversas formas e características entre elas estão a violência doméstica, a violência contra crianças, adolescentes, mulheres, idosos, deficientes, homossexuais, violência psicológica, escolar, institucional entre outras.

Para MAFFESSOLI,

“a violência é uma das maneiras que movimentam as relações humanas. Ela não deixa de levar em conta a instabilidade social como integrante de tudo que, em vez de eliminar os antagonismos, busca ordená-los. (apud GUIMARÃES: 1996, p.9).

Para ele, podem ser percebidas três modalidades de violência: “dos poderes instituídos”, caracterizada pela violência do Serviço Público, dos Estados e dos órgãos burocráticos; a “violência anômica” e a “violência banal”. Estas modalidades apresentam aspectos específicos de um duplo movimento de destruição e construção, existindo entre elas uma estrita conexão.

Esta relação ambígua possibilita que a destruição e a desagregação, desorganizem e fecundem uma estruturação social perfeitamente codificada e normalizada. A crueldade, a violência, a desordem a perda são facetas da vida cotidiana levadas ao extremo. Todos os descomedimentos têm como base a incerteza do futuro e se constituem em uma forma de protesto contra o que não constitui um eterno presente.

Portanto, a violência em sua estrutura sempre gera uma nova ordem, inserindo-se num movimento duplo de demolição e de construção. O lado construtivo da violência permite entender essa forma social como auxiliadora da ordem. Todos os que, de uma forma ou de outra, se rebelam contra a ordem, como os revolucionários que terão o poder, o pensador maldito que será referência obrigatória, o artista desacreditado que implanta uma nova moda, são exemplos que mostram a existência de um movimento duplo que une anomia e ordem.

Outra discussão proposta sobre a qual nos detemos é quanto às noções de socialização e sociabilidade, definindo esses dois conceitos para ficar explícito o motivo da escolha do termo sociabilidade. A formulação clássica de socialização é dada por Émile Durkheim

(1952), que compreende a educação como meio de socialização, onde educação é o processo pelo qual aprendemos a ser membros da sociedade, esse aprender a ser membro da sociedade é o meio de socialização dos indivíduos, concebendo a socialização como uma das mediações maiores da integração coletiva. Neste sentido, Dubar (2005) associa socialização à construção das identidades sociais e profissionais. Segundo o autor, a identidade é o produto de sucessivas socializações, entendida na sua dupla vertente: objetiva ou para o outro (resultado das interações); e subjetiva ou para si mesmo (gerada através de narrativas biográficas). Estas duas dimensões não são necessariamente coerentes, o que permite diferenciar uma existência mais prática e relacional (tradição materialista) e outra mais reflexiva e consciente (tradição idealista).

O princípio funcionalista (Durkheim, 1973; Parsons & Bales, 1955) de que a socialização corresponde à transmissão de pautas de comportamentos e valores das gerações mais velhas às mais novas corresponde a uma situação típica de sociedades tradicionais, em que a idade é per si uma fonte de poder. Na sociedade contemporânea, em que a mudança ocorre a grande velocidade e a infância, a juventude, a democracia e a inovação são valores importantes, estas relações são mais complexas.

Como alternativa para essa abordagem dada por Émile Durkheim (1952) temos a contribuição do sociólogo George Simmel (1983), que se mostra contrário às afirmações do autor francês quanto à proeminência estrita do social sobre o individual, segundo ele a sociedade é composta por indivíduos em interação. De acordo com Dayrell (2005),

Na sociologia simmeliana, o conceito de interação é central. O ponto de partida de cada formação social é dado pelas interações entre pessoa e pessoa, do encontro e das relações entre os vários átomos da sociedade. A sociedade é interação, aparecendo como um conjunto de retículos interativos por meio dos quais os indivíduos entram em comunicação. Simmel compreende a sociabilidade com uma forma, dentre outras possíveis de sociação. Mas tem uma especificidade que a torna peculiar: apresenta-se emancipada dos conteúdos, apenas como forma de convivência com o outro e para o outro [...] No campo da sociabilidade, os indivíduos se satisfazem em estabelecer laços, e esses laços têm em si mesmos sua razão de ser (DAYRELL, 2005, p. 183-184).

Neste sentido, DAYRELL (p.1111 -2007) afirma que a sociabilidade tende a ocorrer em um fluxo cotidiano, seja no intervalo entre as “obrigações”, o ir-e-vir da escola ou do trabalho, seja nos tempos livres e de lazer, na deambulação pelo bairro ou pela cidade. Mas,

também, pode ocorrer no interior das instituições, seja no trabalho ou na escola, na invenção de espaços e tempos intersticiais, recriando um momento próprio de expressão da condição juvenil nos determinismos estruturais. Enfim, podemos afirmar que a sociabilidade, para os jovens, parece responder às suas necessidades de comunicação, de solidariedade, de democracia, de autonomia, de trocas afetivas e, principalmente, de identidade. (Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>). Conforme Dayrell (2009), as culturas juvenis possibilitam práticas, relações e símbolos por meio dos quais os jovens criam espaços próprios, com uma ampliação dos circuitos e redes de trocas, o meio privilegiado pelo qual se inserem na esfera pública. O autor explica que aliada às expressões culturais, outra dimensão da condição juvenil é a sociabilidade. Uma série de estudos sinaliza a centralidade da sociabilidade diante do mundo adulto, criando um eu e um nós distintivo.

Lahire (2002a, 2002b e 2005) desenvolveu o conceito bourdiano de disposição, enquanto gerador de ações e resultado incorporado da repetição de experiências relativamente similares no mundo social, absorvendo o tom mais contextual presente na formulação sobre sociabilidade. Visto que, hoje, estas experiências ocorrem em contextos (familiar, escolar, laboral, de sociabilidade, etc.) e tempos diferenciados, as disposições do indivíduo podem variar de forma significativa, quer entre contextos quer ao longo do percurso biográfico, produzindo “atores plurais”. Se Bourdieu defendia o desenvolvimento de um “sistema de disposições” (habitus) associado à trajetória no espaço social (ainda que a noção de campo tenha relativizado esta unidade), para Lahire (2005 apud Abrantes, 2011), “a transferibilidade das disposições e a organização do “patrimônio individual de disposições” variam notavelmente, tornando-se um objeto central do trabalho reflexivo, para os atores, assim como de pesquisa empírica, para os sociólogos”. O autor diferencia três processos de socialização: (1) treino ou prática direta; (2) organização social das situações; (3) inculcação ideológico-simbólica de crenças. Estes processos nem sempre são coerentes, podendo gerar tensões entre disposições, identidades e crenças, motivo de ilusões e frustrações. Por seu lado, reconhece-se a capacidade dos atores inibirem ou reforçarem as disposições, através de “técnicas de autocontrole” e do envolvimento voluntário em práticas específicas. Nesse sentido, a formação da identidade masculina desses jovens não se pauta apenas por atitudes violentas em todas as situações. Ela se estabelece a partir da intersecção das identidades assumidas em cada grupo de convívio, tal qual Simmel (1977) nos lembra com sua ideia sobre os círculos sociais. Além disso, a formação da identidade como um todo se estabelece na interface entre as duas categorias analisadas (socialização e sociabilidade). O cruzamento dos valores externos (os

quais estão ligados à preocupação em agir de acordo com as normas locais) com as demandas subjetivas (as categorias de atitude masculina, pessoalmente, desejáveis) forma a linha de comportamento a ser assumida pelo indivíduo em cada contexto de ação.

É desse prisma, de busca de complementaridades entre argumentações (socialização e sociabilidade), que se tenta chegar à formulação sobre uma sociabilidade violenta. Ao afirmar que as transformações verificadas na contemporaneidade têm produzido uma nova morfologia dos processos sociais, Tavares dos Santos (1999; 2004) sugere que uma nova forma de sociabilidade está se desenhando no contexto moderno, definida por estilos violentos de sociabilidade, que invertem as expectativas do processo civilizatório.

As relações de sociabilidade passam por uma nova mutação, mediante processos simultâneos de integração comunitária e de fragmentação social, de massificação e de individualização, de ocidentalização e de desterritorialização. Como efeito dos processos de exclusão social e econômica, inserem-se as práticas de violência como norma social particular de amplos grupos da sociedade, presentes em múltiplas dimensões da violência social e política contemporânea (TAVARES DOS SANTOS, 1999, p. 20).

Assim, na visão do autor, afigura-se nas sociedades do século XXI o fenômeno da violência difusa, cujas raízes se localizam nos processos de fragmentação social. Nesse sentido, as instituições socializadoras, tais como a família, a escola, a religião, as fábricas etc., estariam vivendo um processo de crise e desinstitucionalização. Se antes as relações de sociabilidade construídas nessas instituições eram marcadas prioritariamente pela afetividade e pela solidariedade, hoje reaparecem como preferencialmente conflitivas, como demonstram, por exemplo, os fenômenos da violência doméstica e da violência na escola.

Esboçando a noção de sociabilidade violenta, com base numa análise da natureza e do sentido da radical transformação de qualidade das relações sociais e das práticas de criminosos comuns, Silva (2004) diz que os padrões de sociabilidade convencionais, regulados no âmbito do Estado, em determinados contextos e sob certas condições, perdem a validade e são substituídos por um complexo de práticas estruturadas na relação de forças.

A sociabilidade violenta, de certa forma, pode ser entendida como uma resistência coletiva praticada individualmente. Segundo Rosa (2007.p.193-199),” o fato de estabelecer uma ordem própria, internalizada pelos jovens do espaço em que se desenvolve, representa uma negação da sociabilidade institucional imposta de fora para dentro da comunidade, ou de

cima para baixo usando critérios socioeconômicos.” O comportamento violento, simbolicamente relacionado a atributos de virilidade, se mostra muito significativo como aporte à afirmação do jovem masculinizado e dono de um espaço social, ainda que este espaço signifique o reconhecimento desse sujeito apenas no nível local, já que, na maioria das vezes, o que interessa para esses indivíduos é ser respeitado e socialmente visível na sua própria comunidade.

Considerando a configuração própria adquirida pela violência nas sociedades ocidentais contemporâneas, alguns aspectos têm merecido destaque entre os pesquisadores desta temática, dentre os quais se pode destacar a banalização da violência e o grande envolvimento de jovens. Constituição de uma gangue é uma forma de sociabilidade para vários autores e este fenômeno é tido como importante realizador da potência e engrenagem do tráfico e comércio de drogas.

Segundo Mattos (1995), os elementos do grupo usam de violência para combater a discriminação, sendo uma forma de se rebelar, ou por meio da autodefesa contra a segregação. São caracterizados como “antissociais” e frequentemente acimados de delinquentes.

Abramovay (1999) define as gangues como grupos mais ou menos estruturados que desenvolvem desde atividades lúdicas até atos de delinquência, cujos membros mantêm relações de solidariedade à base de uma identidade compartilhada. O sentimento de pertencer, autoestima e proteção são as razões que fazem o jovem se integrar a uma gangue.

No Brasil, esta temática e em especial a terminologia “gangues”, tem sido utilizada genericamente para “designar um grupo de jovens, um conjunto de companheiros e também uma organização juvenil ligada à delinquência” (Abramovay2004, p. 95). Por essa razão, a pesquisadora Abramovay e sua equipe, ao realizarem a pesquisa sobre as gangues no Distrito Federal, utilizam o termo gangue/galeras, pois, explica ela, o uso da noção de “galére”, introduzida por Dubet em seus estudos sobre a juventude francesa, é compreendido como uma “forma de sociabilidade solta, plena de niilismo, autodestrutividade e raiva” podendo estar marcada “por atividades criminosas intermitentes ou por uma marginalidade difusa” (Abramovay, 2004, p. 95). A pesquisadora chama a atenção para a importância de não aplicar mecanicamente nenhum modelo teórico, pois há especificidades em cada contexto. A entrada para uma gangue pode ser justificada pela falta de meios alternativos, por não terem nada para fazer e por se sentirem excluídos e sem dinheiro. Os códigos de valores são frequentemente

associados a atividades ritualísticas: coragem, força, resistência, temeridade, lealdade ao grupo e impiedade para outsiders e adversários, obediência à liderança e às regras do grupo, como a lei do silêncio, astúcia ou “manha”, capacidade de liderança. Vale dizer que esses valores são componentes essenciais à constituição de certo tipo de “ordem” destinada a tornar previsíveis e confiáveis os comportamentos. Nesse sentido atos ilícitos, são comportamentos reconhecidos como válidos pelos componentes das gangues, porque o produto das transações permite que tenham acesso ao dinheiro, para a satisfação de suas necessidades e desejos.

Os motivos para os conflitos entre as gangues podem ser a disputa de poder sobre territórios e a demarcação das áreas de atuação. Pertencer a uma gangue é buscar um lugar e posição; significa estar inserido num jogo de rivalidades; é a procura de identidade social no âmbito de uma cultura, na qual esses grupos podem ou não conduzir-se à delinquência.

A gangue apresenta-se, portanto, como meio de sociabilidade de jovens que buscam formas alternativas de inclusão, com valores comuns, porém com normas e procedimentos diferentes dos demais. Os jovens não possuem uma prática em consonância com um pensamento crítico que possa intervir em seus atos. Reproduzem, na prática, os moldes da sociedade que aparentemente negam. Nesse sentido, a gangue serve para os jovens como modo de estabelecer vínculos com seus pares, num mesmo território, e partilhando sentimentos.

1.2. A QUESTÃO DA SOCIABILIDADE VIOLENTA NA ESCOLA

Tendemos a pensar que a violência na escola é um fato novo, principalmente porque são cada vez mais frequentes notícias de algum tipo de violência no ambiente escolar. Segundo Charlot (2002), “a questão da violência na escola não é um fenômeno novo assim, no século XIX, houve, em certas escolas do 2º grau, algumas explosões violentas, sancionadas com prisão” (CHARLOT, 2002, p.432) assim como as relações bastante grosseiras entre alunos nos anos 50 ou 60. No entanto, o autor ressalta que as violências ocorridas na escola podem não ser novidade, mas elas assumem formas e dimensões inéditas.

Segundo Vicente Tavares (2002,p.117), o reconhecimento da violência no espaço escolar como uma das novas questões sociais globais parece ser um caminho interpretativo

fecundo desse fenômeno social caracterizado como um enclausuramento do gesto e da palavra.

Conforme as autoras Abramovay e Priotto “a violência escolar se expressa através dos seguintes eventos: violência física, agressão física, violência simbólica e violência verbal incluído o bullying.” Segundo Charlot (2002), “a violência na escola se caracteriza dentro do espaço escolar, mas não está ligada à natureza e as atividades da instituição escolar quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em outro local” (p.434). No entanto, há autores que consideram essa categorização um tanto restrita e insuficiente. Segundo Abramovay:

Essa proposta de classificação de violência nas escolas ajuda a compreender o fenômeno na medida em que considera manifestações de varias ordens. Contudo, mostra-se insuficiente para compreender certos tipos de manifestações que ocorrem dentro dos estabelecimentos de ensino e que estão relacionadas a problemas internos de funcionamento, de organização e de relacionamento. (ABRAMOVAY, 2005 apud. PRIOTTO; BONETI, 2009, p. 167)

A concepção de Charlot, não leva em consideração algumas ocorrências violentas frequentes dentro da instituição escolar como, por exemplo, as brigas, discussões e agressões entre alunos na sala, no pátio, na porta da escola e no recreio.

No que diz respeito à violência na escola, Priotto expõe:

[...] esta se caracteriza por diversas manifestações que acontecem no cotidiano da escola, praticadas por e entre professores, alunos, diretores, funcionários, familiares, ex-alunos, pessoas da comunidade e estranhos. Caracterizam-se como atos ou ações de violência: Física – contra o (s) outro (s) ou contra o grupo, contra si próprio [...]. Incivilidades – desacato, palavras grosseiras, indelicadeza, humilhações, falta de respeito, intimidação ou bullying. (PRIOTTO, 2009, p.168)

A escola socializa o indivíduo de maneira repressivo-coercitiva, reprimindo determinadas ideias e comportamentos, tornando-se violenta. A violência institucional escolar possui duas formas básicas: a violência disciplinar e a cultural (simbólica). Segundo Viana (2002, p.120-121) “ a violência disciplinar prepara o indivíduo para atuar em qualquer outra instituição disciplinar utilizando-se da metodologia de vigilância hierárquica, sanção

normatizadora e do exame. Esses são meios necessários para manter a ordem, a hierarquia e as regras.”

Quanto à violência cultural e/ou simbólica, primeiramente, é preciso considerar que, segundo Araújo (2002, p. 19), “o ser humano não se faz sozinho, sem a sociabilidade que o inclui no mundo da cultura”. Nesse sentido, uma vez que o homem vive em sociedade e a partir dessa vivência adquire cultura, o que permite considerar que a violência cultural se dá numa relação onde determinado grupo impõe a outro, ideias e valores culturais. Nessa linha argumenta Moreira (2008, p. 301) “que a agressão simbólica é aquela imposta pela sociedade dominante e que faz com que o indivíduo menos privilegiado, aceite como natural à dominação .”

No âmbito escolar, esse tipo de violência ocorre levando em consideração que a escola é uma instituição que exerce a função de reproduzir ideias e normas sociais favoráveis à classe dominante, que se apoiam no exercício da autoridade, utilizando-se de conteúdos, programas, avaliações. A imposição da violência cultural, como informa Viana (2002) está presente nas grades curriculares, programas, livros e textos adotados, bem como no discurso da burocracia e dos membros do corpo docente.

A violência psicológica é um conjunto de ações, palavras e atitudes para envergonhar, censurar e pressionar a criança de modo permanente (ABRAPIA, 1997; CRAMI, 2000; A REDE, s/d apud BRASIL, 2004, p. 36). Essa violência decorre de constantes agressões verbais, desrespeito, xingamentos e preconceitos direcionados às crianças e adolescentes. Tal prática resulta em distúrbios na fala, insônia e problemas de saúde.

Nesse quadro de violência física e psicológica, é possível enquadrar a violência sexual, uma vez que implica em domínio e danos ao corpo e a mente das vítimas que pode ocorrer de forma intrafamiliar ou incestuoso e extrafamiliar. Este tipo de violência é geralmente praticado por alguém que a criança conhece ou confia podem ocorrer em consultórios médicos, igrejas e escolas, o que vem sendo mostrado pela mídia.

Assim, dentre os mais variados motivos que podem causar violências rotineiras dentro das escolas, pode-se destacar a degradação ou desestrutura familiar. No entanto, se do âmbito familiar e doméstico, detectamos essas formas de violência, é preciso esclarecer que, na

escola, o fenômeno está relacionado a muitas outras formas. Crianças, adolescentes e jovens, estão sujeitos a elementos convidativos que aparentemente produzem sentido em sua existência como o uso de drogas, o porte de armas, dentre outros. Para Araújo (2002) a escola sofre interferências de grupos externos que podem modificar toda a sua organização interna ou rotina diária, manifestada pelas invasões de galeras de forma direta e ameaçadora para solucionar problemas ocorridos fora do ambiente escolar, e também do narcotráfico que se manifesta de forma bem sutil, através dos alunos, com o objetivo de aumentar o seu domínio social e físico tanto dentro ou fora das escolas. O problema do tráfico nas escolas é preocupante, não só por parte dos professores, diretores, mas por parte dos pais, cientes dos inúmeros problemas gerados pela prática. Segundo Machado,

Os problemas relacionados ao tráfico e utilização de drogas, registrados nas instituições escolares crescem e se agravam a cada dia. Os alunos usuários de drogas apresentam prejuízos no rendimento escolar, saúde, relação familiar, além de estarem mais propensos a distúrbios psicológicos. (2008, p. 149).

Colombier (1989) aponta fundamentos socioeconômicos e familiares como possíveis causas da violência na escola, entendendo esse fenômeno como atos de violência contra as instalações da escola, contra os professores, dos alunos uns contra os outros. Nessa perspectiva, a violência se iniciaria na família, com a falta de limites, referências, a desestruturação familiar; nas causas socioeconômicas estaria a exclusão social, falta de oportunidades, a influência da mídia e a falta de perspectivas.

Como abordado anteriormente, os problemas familiares são inúmeros. O abandono e a negligência dos pais, as privações afetivas e sociais são desencadeadores de violências nas escolas. Para Severino (LONGO, O Popular, 2008, p. 5), “a violência nas escolas é apenas consequência. Os conflitos têm início na sociedade que sofre mudanças constantemente, e seus reflexos são sentidos nas escolas, pois os indivíduos não são violentos porque simplesmente o querem; o modelo de sociedade capitalista já é por si, violento, a começar por gerar desigualdades gritantes e explorar a mão de obra barata, em detrimento dos ricos empresários, banqueiros e industriais.”

Apostar na mobilização da comunidade, como um elo entre o ambiente escolar e não escolar, é algo cada vez mais presente. Segundo Silva (2004) a UNESCO é a favor de que a comunidade faça parte da escola, como no caso do Rio de Janeiro e Pernambuco, que foi

elaborado um programa, como teste, o qual, nos finais de semana, a escola pública, ficaria aberta para atividades esportivas, recreativas e pedagógicas.

Em nível local, como forma de combater a violência e as drogas dentro das escolas, o Batalhão Escolar desenvolve um programa conhecido como PROERD (Programa Educacional de Resistência à violência e as drogas) que trabalha questões como autoestima e amor ao próximo, além das drogas; após dez lições, os alunos recebem certificado de participação em cerimônias formais. Segundo Severiano (LONGO, O Popular, 2008, p. 5), “essa ação preventiva foi criada nos moldes de iniciativas que tiveram resultados positivos em outros 60 países já adotados Essa participação da comunidade deve ser orientada, sobretudo, para as famílias incentivando-as a participar no processo de formação dos seus filhos.” A parceria entre escola, comunidade e família abriria espaço de debates e sugestões de estratégias que colaborariam para minimizar a violência no âmbito escolar.

Portanto, é importante não abrir mão, sobretudo, da discussão do fenômeno dentro das escolas, com naturalidade, propiciando a interação de todos. Que a violência não seja vista como um mito, como algo longínquo e sim como algo presente na sociedade ao qual todos estão sujeitos. Nas escolas, a conscientização quanto às graves consequências trazidas para o aluno em todos os âmbitos é ainda mais importante para as devidas mediações em seu desenvolvimento.

No Brasil, conforme Aquino (2000), “a violência é fomentada pela família desagregada, pelo crescente processo de exclusão e pela televisão, pois nesta está reunido o maior potencial de influência sobre o comportamento da criança e do adolescente”. Um trabalho de mapeamento da ONU, realizado em 1998, detectou que os desenhos animados apresentados pela televisão brasileira exibem 20 crimes a cada hora. As crianças em idade escolar passam 50% mais tempo vendo televisão do que fazendo deveres escolares, brincando e ajudando nas atividades caseiras. Sendo que, deste modo, o aumento da violência é justificável.

A desorganização familiar vem cada vez mais impossibilitando que as crianças recebam amor e carinho no âmbito da família. Chegam à adolescência com profundas carências afetivas, sem o preparo necessário para enfrentar as mudanças emocionais e físicas, que se apresentam nesta fase, e vivendo grandes conflitos. Candau (1999) diz que hoje as

manifestações de violência nas escolas vêm preocupando bastante pais e educadores. Em decorrência disso, é importante lembrar que existem diversas formas de violência que acontecem por diversos motivos que acabam afetando o cotidiano escolar. Alguns pesquisadores e pesquisadoras falam da necessidade de se fazer um estudo objetivando buscar as causas para que, possa ser trabalhada tal problemática, durante as práticas pedagógicas, a fim de que sejam amenizadas.

No cotidiano diversas situações chegam a afetar as instituições escolares, visto que o envolvimento dos alunos com brigas geram a formação de grupos rivais que são estendidos ao próprio espaço escolar, como também nas suas proximidades.

Com relação às outras formas de interferência dos grupos externos, FUKUI diz o seguinte:

“... as invasões por parte de “alunos insistentes”(2) que vão à escola para desfrutar de um mínimo de convívio social, a invasão pela população do bairro, que ocorre mais pela indefinição dos espaços da escola e pela facilidade de acesso... do que por ação agressiva, e a invasão pela polícia ou representantes de outras instituições, quando sem licença, invadem a esfera de autoridade do diretor e dos professores para revistarem os alunos, por exemplo”.(apud CANDAU, 1999 ,p.29).

No cotidiano da prática escolar é rotineiro o descontentamento dos professores diante do mau comportamento dos alunos (desordem, xingamentos, atitudes grosseiras, bagunça) seria o que se chama de falta de respeito, ou seja, atitudes que rompem com as regras sociais de boa convivência.

KEHL (2000), diz que a sociedade brasileira tem seu crescimento econômico embasado na cultura do consumo e que está disseminada em todas as classes sociais. Ela diz que a explosão da violência nas escolas brasileiras, principalmente naquelas em que estão concentrados alunos de baixa renda, é resultante “da cultura extrema de narcisismo e individualismo” contrapondo com uma sociedade onde a mobilidade de classes é inexistente, que castra as perspectivas, está exposta intensivamente aos bens de consumo e é estimuladora do individualismo. alunos insistentes. Segundo FUKUI (1999) apud CANDAU(1999, p.29), “são aqueles que embora tenham abandonado os estudos, ainda estão matriculados e vão à escola para jogar bola, participar de algumas atividades, namorar, encontrar os amigos, etc..”.

Portanto, parece que a violência é vista principalmente nas escolas públicas porque não recebem investimentos do Estado, seus professores são mal remunerados, seu prédio é decadente e ainda tratam os jovens como “lixo”. A aprendizagem muitas vezes não se realiza. Os jovens, sentindo-se extremamente desvalorizados por um lado, e por outro sendo atraídos pelo individualismo e consumismo vivem conflitos e os extravasam através de atos violentos. O desemprego aumenta a falta de perspectiva para o jovem que deseja trabalhar para obter o que quiser. Então muitos, não tendo outro caminho, passam a roubar, traficar e/ou matar. Muitas vezes os alunos sofrem agressões verbais, físicas e psicológicas pelos profissionais que estão atuando nas escolas. Em contrapartida, observa-se agressões e ameaças aos professores, pelos próprios alunos. Isto tudo interfere no processo ensino-aprendizagem.

De acordo com Dayrell (2005),

A escola é dotada de vários sentidos, vai além de um espaço de transmissão de conhecimento de professores para alunos. Um de seus sentidos, o que foi discutido no artigo, centra-se no encontro com os amigos, é um espaço onde os jovens/estudantes ocupam das mais variadas maneiras. Os espaços ocupados fora da sala de aula e os encontros estabelecidos fazem parte da sociabilidade juvenil, que constitui momentos de grande relevância para os estudantes, como também para estudos.

Partimos da premissa de que todas as experiências do indivíduo, ao longo da vida, contribuem para o processo de socialização, ou seja, para a construção de disposições internas que permitem (e orientam) a participação na vida social. No entanto, sabemos que: (1) a experiência dos indivíduos é apenas uma fração do “todo social”; (2) essa experiência depende da capacidade (e disposição) de interpretar e interpelar o social; (3) a informação resultante das experiências não pode ser armazenada e posteriormente mobilizada, na sua totalidade, o que supõe processos (intersubjetivos) de seleção, generalização e analogia.

Ainda no âmbito das relações sociais segundo DAYRELL (2007), que ocorrem no cotidiano escolar, é necessário ressaltar aquelas existentes entre alunos e professores. Vem ocorrendo uma mudança significativa nessa relação, principalmente na questão da autoridade, onde os alunos não se mostram dispostos a reconhecer a autoridade do professor como natural e óbvia. Como lembra Dubet (2006), “a mudança dos alunos interfere diretamente nas formas e metas das relações de poder presentes na instituição. Se antes a autoridade do professor era legitimada pelo papel que ocupava, constituindo-se no principal ator nas visões clássicas de

socialização, atualmente é o professor que precisa construir sua própria legitimidade entre os jovens.”

Abramovay (1999) Os grupos de jovens inseridos nas gangues com as suas práticas cotidianas reafirmam toda a ideologia dominante que, à primeira vista, pretendem questionar. Buscam raízes, saídas no emaranhado de comportamentos, de reações. Nas atitudes violentas, Reproduzem-se de outras formas, a violência de uma estrutura desumana, da qual sofrem as consequências.

Na trajetória de vida desses jovens, a dimensão simbólica e expressiva tem sido cada vez mais utilizada como forma de comunicação e de um posicionamento diante de si mesmos e da sociedade. A música, a dança, o vídeo, o corpo e seu visual, dentre outras formas de expressão, têm sido os mediadores que articulam jovens que se agregam para *trocar ideias*, para ouvir um “som”, dançar, dentre outras diferentes formas de lazer. Mas, também, tem se ampliado o número daqueles que se colocam como produtores culturais e não apenas fruidores, agrupando-se para produzir músicas, vídeos, danças, ou mesmo programas em rádios comunitárias. (DAYRELL, p.1109 -2007 - <http://www.cedes.unicamp.br>)

Este mesmo autor afirma que o cotidiano escolar torna-se um espaço complexo de interações, com demarcação de identidades e estilos, visíveis na formação dos mais diferentes grupos, que nem sempre coincidem com aqueles que os jovens formam fora dela. A escola aparece como um espaço aberto a uma vida não escolar, numa comunidade juvenil de reconhecimento interpessoal. É em torno dessa sociabilidade que muitas vezes a escola e seu espaço físico são apropriados pelos jovens alunos e reelaborados, ganhando novos sentidos. Os grupos se constituem como um espaço de trocas subjetivas, mas também palco de competições e conflitos, muitas vezes resvalando para situações de violência no cotidiano escolar. As relações entre eles ganham mais relevância do que as regras escolares, constituindo-se em uma referência determinante na construção de cada um como aluno, tanto para adesão quanto para a negação desse estatuto. (DAYRELL, ps.1120- 1121/ 2007 - <http://www.cedes.unicamp.br>)

Miriam Abramovay, Julio Jacobo Waiselfisz, Carla Coelho de Andrade e Maria das Graças Rua, resultado da pesquisa com jovens da periferia de Brasília, no Distrito Federal, sobre a formação e organização das gangues naquele contexto:

Usualmente, as gangues/galeras surgem de maneira não deliberada, são formadas por grupos de amigos nas quadras: “Junta um grupo de galera tipo assim da mesma área, da mesma rua. Tu fala que tá a fim de formar uma galera, já inventa uma sigla, neguinho já se interessa.” Também nas escolas os que se consideram mais espertos, mais malandros, mais “ratos”, aproximam-se. Existe, na verdade, um certo acaso na formação desses grupos. Alguns jovens se juntam para defender um amigo ameaçado ou agredido. Este, por sua vez, reúne outros amigos para se vingar, e momentaneamente todos desenvolvem o mesmo sentimento e compartilham o objetivo. Porém, nesse jogo, a cumplicidade e os laços de amizade vão se tornando mais sólidos, originando uma relação quase fraterna, e o grupo termina por se consolidar, assumindo alguns aspectos de organização.

Neste sentido, é importante recuperar, quais as implicações da presença de uma nova configuração cultural para o campo da educação? Creio que fundamentalmente a importância encontra-se nos aspectos referentes à socialização, ou seja, nas formas de aprendizado formal e informal, na adaptação e na percepção que o indivíduo contemporâneo passa a ter sobre o mundo e sobre ele mesmo. Para Dubet (1996), a experiência social é uma maneira de construir o mundo. O indivíduo não está inteiramente socializado, não porque lhe preexistam elementos “naturais” e irredutíveis. Mas porque a ação não tem unidade, não é redutível a um programa único. Afirma Dubet (1996), que existe alguma coisa na experiência social do indivíduo contemporâneo de inacabado e de opaco porque não há adequação absoluta entre a subjetividade do ator e a objetividade do sistema.

Não existe uma socialização total em uma única lógica de ação. Processa-se uma espécie de separação entre a subjetividade do indivíduo e a objetividade de seu papel. A socialização não é total, não porque o indivíduo escape do social, mas porque sua experiência se inscreve em registros múltiplos e não congruentes (Dubet, 1996:94-96).

Porém, mesmo se tratando de uma realidade específica, não significa que as questões e desafios com os quais esses jovens se debatem não espelhem de alguma maneira aqueles vivenciados por jovens de outros grupos sociais. Segundo Dubet (1996), não podemos nos esquecer de que, no contexto de uma sociedade cada vez mais globalizada, muitos dos desafios vivenciados pelos jovens pobres ultrapassam as barreiras de classe, podendo, assim, trazer contribuições para uma compreensão mais ampla da relação da juventude com a escola.

DAYRELL (2007) a construção da sociabilidade violenta ocorre em demarcação de poder, de posto, o mais forte dita às regras e os que não aceitam são rechaçados, excluídos dos grupos e até perseguidos. Conforme as pesquisas e entrevistas, um dos fatores da demarcação de território são as semelhanças, o querer ser igual ao outro, ter poder, a ilusão de estar junto de um grupo violento vai ter proteção e ser bem querido por todos, vai meter medo, vai poder se impor diante dos mais fracos.

Na escola pesquisada muitos jovens agressores, violentos são oriundos de bairros com vulnerabilidade social, advindos de abrigos ou casas lares, de famílias totalmente emaranhadas, com brigas diárias envolvendo álcool e drogas (fonte: Orientadora da Escola e registros em Atas). No geral nossos jovens vêm de bairros de classe média a baixa e muitos de bairros com altos índices de violência como podemos confirmar na escola pesquisada tivemos acesso a uma carta de uma mãe para a Orientadora Educacional, onde ela relata que o filho não está vindo para a escola devido a intervenção policial em seu bairro e ao toque de “recolher dos traficantes do bairro” (em anexo), outro caso de extrema gravidade um aluno oriundo de um “Abrigo da Prefeitura” com idade de 11 anos, abandonado pela mãe ainda pequeno, a mãe é cantora de Funk e um pai permissivo, o aluno apresenta histórico de violência, seu irmão mais velho faz parte de um grupo violento no município de Porto Alegre com inúmeras ocorrências de homicídios, roubos e perturbação da ordem “Os bala na cara”, o menino em uma conversa com a professora disse que vai fugir do abrigo (já fugiu várias vezes e o ministério público faz o resgate) e vai se juntar com o irmão, fez um desenho dele com as lágrimas no rosto (símbolo usado pelos bala na cara para contar o número de mortes efetuada por um membro do grupo). (Fonte: Informação Orientadora da Escola. Desenho em anexo)

Bosi (1997) com todos estes dilemas os professores se veem em meio a um sistema caótico de Políticas Públicas ineficientes, jovens que não tem nada a perder fazem o que querem, pois sabem que o sistema é falho, contam com a impunidade, e a escola por sua vez, fica refém destas situações que se desenvolvem fora da escola, mas que repercutem dentro dos muros escolares, deixando toda a comunidade escolar a mercê destes jovens violentos.

2. A ESCOLA EM ESTUDO E SEU CONTEXTO

Neste capítulo, vamos oferecer um panorama da escola pesquisada, sua funcionalidade, características, composição do corpo docente, suas especificidades, público alvo, percepções dos professores diante do tema de pesquisa, ações da secretaria e sua relação com a escola estudada. Teremos uma análise do Projeto Político Pedagógico (PPP), algumas observações de documentos como ATAs, registros policiais. O capítulo tem como seções: 2.1 A Escola; 2.2. Os professores e a última seção 2.3 Atuação da Secretaria da Educação.

2.1. A ESCOLA

O trabalho foi desenvolvido com base no caso de uma Escola Estadual no município de Porto Alegre. É uma escola de grande porte composta por um grande prédio de dois pisos em boas condições físicas. E um prédio menor também com dois pisos sendo uma construção relativamente nova, já que a escola encontra-se com 84 anos. O pátio também é relativamente extenso, apresentando uma pracinha para as crianças, canchas de futebol e vôlei (sem cobertura). A escola é toda cercada. As salas de aula são grandes e as carteiras dispostas duas a duas ou em fileiras individuais, todas possuem cortinas e ventiladores.

A escola é composta, atualmente, por aproximadamente 2.300 alunos; sendo da Educação infantil, Ensino Fundamental (1º ao 9º ano) do Ensino Médio Politécnico (antigo segundo grau) Normal (curso Magistério), aproveitamento (magistério), Técnico em Contabilidade e Administração.

As famílias apresentam nível sócio-econômico médio-baixo, conforme se constata nas informações prestadas na ficha de matrículas na escola e por virem de bairros considerados de risco pelo alto nível de violência, constatados nas declarações dos alunos e nas informações das mídias (rádio, TVs e jornais). A maioria dos alunos são oriundas da Zona Norte de Porto Alegre, porém observando as fichas de matrículas encontramos alunos da Zona Sul e de outras cidades como Alvorada, Viamão e Cachoeirinha. As escolas do Estado trabalham por zoneamento, mas algumas famílias trabalham em Porto Alegre matriculam seus filhos com o endereço do trabalho e não da sua residência que fica em outra cidade como Viamão,

Alvorada, Canoas e Cachoeirinha. O curso de Magistério é o que concentra a maior parte de alunos oriundos da cidade de Alvorada, devido a esta cidade não contar com este curso.

No turno da manhã, a escola oferece 7º ao 9º ano do ensino Fundamental e do 1º ao 3º ano do Ensino Politécnico (Ensino Médio). À tarde a escola conta com uma turma de Jardim, uma turma de 1º ao 5º ano e duas turmas de 6º anos e duas de 7º anos, e magistério (curso normal) com quatro turmas. À noite, há o curso de Administração, Contabilidade a curso de Aproveitamento (magistério – normal). A escola funciona a partir das 07hs30min da manhã até às 23hs15min. Há um diretor geral, três Vice-diretores, sendo que cada um assume um turno.

A escola tem como objetivo implementar uma cultura de sucesso, onde o aluno consiga atingir suas metas. Para que isso aconteça é necessário aprender a certas exigências e pressupostos (Fonte PPP da escola).

A escola possui os Serviços de Orientação Educacional (SOE) que tem como objetivo geral oportunizar aos orientandos relação de auxílio, que possibilite a favorecer o bom relacionamento entre os integrantes desta comunidade escolar de forma a garantir um clima de amizade, companheirismo e relação de ajuda. Serviço de Supervisão Escolar (SSE) que Orienta os professores auxilia-os em sua caminhada, serve de mediação entre professores e alunos.

Na escola, são oferecidas duas salas de vídeo, um laboratório de física/química reformado recentemente e a biblioteca, poucos acervos (com problemas de infiltração e goteiras). Há, duas salas de informática, uma sala de recursos (educação especial), uma sala experimental para o curso normal (magistério), um salão de atos (reformado com recursos do Projeto Unibanco), um refeitório (muito pequeno para o número de alunos), um pequeno salão para confraternizações (redondo).

Para conhecimentos das ações e projetos realizados na escola, faz-se necessário analisar o seu projeto político pedagógico. Apresentamos alguns aspectos importantes desse projeto abaixo:

2.1.2. Considerações do Projeto Político Pedagógico

Para conhecimentos das ações e projetos realizados na escola, faz-se necessário analisar o projeto político da escola. Nesse sentido, apresentaremos alguns aspectos importantes desse projeto como mostra à tabela abaixo:

A escola existe desde 28 de agosto de 1930, foi criada para atender aos anseios da comunidade, que teve um crescimento demográfico muito grande devido a Industrialização do Bairro. Neste ano a escola comemora 84 anos de existência e de prestação de serviço a comunidade local no que tange a educação. Foi uma escola de grande visibilidade no Estado do Rio Grande do Sul, principalmente em Porto Alegre, visto que tinha equipes de jogadores de futebol, voleibol, banda marcial, onde foram vários os títulos de campeões. Participava de muitos eventos proporcionados pela Secretaria de Educação. Nos anos 80 a escola tinha guarda em sua portaria e na frente da escola. Hoje, a realidade é outra dificilmente encontramos um policial próximo das escolas, a banda não existe mais e os instrumentos sumiram da escola ninguém sabe o que aconteceu com estes materiais, já os grupos de futebol e vôlei participam esporadicamente de alguns jogos sem grande relevância. Apesar de ser uma escola antiga está em boas condições físicas, embora tenha alguns reparos a serem realizados como, por exemplo, a biblioteca que contem várias goteiras e a reforma do refeitório, a troca do telhado que está com várias goteiras.

É uma escola que abriu suas portas para a inclusão, mesmo não tendo ainda a questão da acessibilidade como rampas e banheiros especiais e muito menos recursos humanos para atender a clientela que chegou à escola. Há alunos com síndrome de Down, Aspecto Altista, e alunos com risco de vulnerabilidade social, isto é, crianças oriundas de abrigos e com históricos de violência extrema, utilizando medicamentos para controle de humor .

No seminário do curso Normal ocorrido em agosto na escola, foi realizada homenagem em referencia ao aniversário da escola, com vídeos sobre a história da escola, , desencadeando uma curiosidade nos alunos que começaram a questionar porque a escola deixou de ter banda, deixou de participar de atividades festivas e de atividades esportivas. Os vídeos levaram os alunos do curso Normal a terem orgulho da escola pela sua história e estão fazendo campanha para voltar à banda. A Escola tem uma identidade muito forte quanto ao curso Normal que está fazendo 50 anos formando futuros professores e uma referência é que a

Escola conta com vários professores que foram alunos da escola e do curso normal, o qual dá grande credibilidade a este curso.

A heterogeneidade do ambiente estudado cria novos tipos de conflitos na sociabilidade e no cotidiano, visto que o alunado vem de diferentes bairros e cada um com uma característica, bairros de classe média, bairros de vulnerabilidade social e de grande violência. Os alunos com histórico de violência são na sua maioria de bairros violentos comandados por traficantes, estas informações foram obtidas pela análise das atas e confirmação dos endereços dos envolvidos em conflitos. A maioria dos alunos envolvidos em conflitos está fora da idade para a série em que se encontra geralmente adolescentes entre 14, 15 e 16 anos, cursando o sexto ou sétimo ano, a onde deveriam estar concluindo o Ensino Médio. Esta defasagem idade em relação aos estudos e as constantes reprovações fazem com que percam o interesse pelos estudos e muitos só vão para a escola para traficar, brigar, namorar, estar em grupos, tudo menos estudar.

Outra característica da escola é o acolhimento de crianças/adolescentes oriundos de abrigos, casas lar, alunos cumprindo medida socioeducativa, alunos que vem sob orientação e proteção do Conselho Tutelar por motivos de abusos familiares, alunos com ordem judicial para que permaneçam na escola, em fim há uma gama de alunos considerados alunos que inspiram cuidados pelos históricos violentos que depredaram a Escola, alunos evadidos, alunos com controle forte de medicamentos, alunos que ameaçam professores e colegas, alunos que pertencem a gangues, a grupos violentos fora da Escola, como pode ser verificado no desenho de um menino do abrigo da prefeitura que tem um irmão que faz parte do grupo violento “bala na cara” que trazem uma tatuagem no rosto de uma lágrima que indica o número de mortes, de pessoas que tiraram a vida.

A Escola tem um grande espaço físico, mas mal organizado, há várias árvores com suas raízes saindo para fora da terra que dificulta a circulação, ficando um bom espaço ocioso, temos o estacionamento para os professores, este local está destinado à construção de um ginásio que já espera recursos a mais de 20 anos, conforme a Administradora Financeira da Escola, há uma praça relativamente grande para as crianças, mas com poucos brinquedos.

Atualmente, a escola não faz parte de nenhum projeto oriundo dos Governos Estadual ou Federal. Pelo que se observou e questionou-se, faltam vontade e interesse da Diretoria

atual em participar e incentivar seus professores. Questionamos sobre o “Projeto Escola Aberta” porque a Escola não fazia parte, o Diretor em exercício comentou que “dá muito trabalho e teriam que utilizar os fins de semana e que teria dificuldade para ter professores participantes, sem falar dos marginais que entrariam na escola”; outro projeto de grande relevância do Governo Federal “O Mais Educação” o Diretor afirmou não ter espaço físico para administrar este projeto que teria que dispor de salas de aula e ou ginásio, e a escola no momento não tem salas vazias e muito menos um ginásio, fora que teria que administrar mais uma equipe de professores com horários especiais.

2.1.3 . Interpretação do Projeto Político Pedagógico

A partir da análise realizada no projeto político pedagógico da escola, percebe-se que no projeto anterior não havia qualquer informação sobre como combater a violência na escola, não havia ali grupo de normas / regras da escola, já o novo Projeto Político Pedagógico que a pouco foi revisado, reformulado há um cuidado com a questão da prevenção da violência deixando claro suas normas e regras com objetivos de apresentar aos educandos e a comunidade escolar que a Instituição tem o cuidado de zelar pela ordem e o bem estar de toda a comunidade escolar. Já na questão curricular da escola é feita no sentido de proporcionar a todos (as) a formação básica para a cidadania, através do seu planejamento e da criação de condições de aprendizagem, que atende as características da região, cultura e realidade dos educando. Em sua apresentação consta que a elaboração foi de forma integrada, trabalho coletivo, democrático e participativo tendo a participação do corpo Diretivo, Pedagógico, dos professores, funcionários, pais e membros da comunidade local, mas esta informação constante no PPP, não confere, pois o Projeto teve uma única pessoa responsável para elaborar, fato este que gerou algumas discussões internas na escola, o PPP só foi passado para análise após ser considerado pronto.

(Fonte: Projeto Político Pedagógico da Escola, ano de elaboração 2014.)

Toda e qualquer decisão da escola deveria passar pela Direção e equipe Pedagógica e após ser apresentada ao corpo Docente e Funcionários, mas o que corre na escola hoje, uma grande equivocada situação onde a maioria das decisões passa pela ordem da Administradora Financeira, fato este questionado pela maioria dos professores e motivos de constantes desavenças na escola, pois não aceitam a intervenção desta Senhora, alegam que ela se envolve em assuntos específicos do setor Pedagógico e Diretivo.

Conforme as pesquisas com os professores e as conversas informais muitos questionam esta Direção atual, identificando certa ausência e omissão do Diretor da escola, sendo os problemas resolvidos pelas Vices diretoras. Nos questionários realizados com os alunos, também se questionaram a ausência deste Diretor na Escola, solicitando sua presença e interação com os alunos.

A escola conta com o Conselho Escolar composto por vários segmentos sendo eles: pais, alunos, professores, funcionários e Direção. Uma das reclamações do presidente do Conselho Escolar é a ausência do Diretor nas reuniões que são realizadas uma por mês e esporadicamente em caso especial duas ou três. Os pais que fazem parte do conselho escolar são os que mais participam das atividades da escola, mas uma curiosidade foi saber que a escola desta grandeza é rara os pais que contribuem ou que participam de suas atividades, muitos, conforme declarado, não encontram tempo para ir a escola, são pais que trabalham em dois empregos, outros por morarem longe, outros por negligência, como podemos perceber um relatório (em anexo) para o Conselho Tutelar de caso de negligência da família em relação aos filhos na escola. Há pais que colocam os filhos na escola e só aparecem no fim do ano. Há relatos de dificuldades para conversar com pais de alguns alunos com problemas ou de aprendizagem ou de comportamento, são várias ligações, pedidos de quê? a poucos dias avisou a mãe de uma menina que faz uso de entorpecentes e mata aulas que o Conselho Tutelar seria acionado, a mãe logo achou tempo e foi na escola.

Percebemos que a Escola pesquisa está carente de atividades culturais e de uma gestão participativa, atuante e democrática, os alunos pedem em suas entrevistas que sejam realizadas atividades culturais como música na escola, esportes, danças, teatros etc. Os Programas do Governo Federal poderiam ser significativos para esta escola, abaixo a caracterização dos mesmos:

O Programa Escola Aberta visa à melhoria da qualidade da educação e ao fortalecimento dos laços entre escola e comunidade, por meio da realização de atividades educativas, culturais, esportivas, de lazer e de geração de renda. Para isso, as escolas que participam do programa ficam abertas durante os finais de semana. As ações realizadas nesse período são escolhidas a partir de uma consulta com a comunidade local e se baseiam em oficinas promovidas pelo Ministério da Educação. O programa, criado pelo Governo Federal,

é realizado em acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e executado pelo Ministério da Educação (MEC) através do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) em parceria com as secretarias municipais e estaduais de Educação.

O Programa Mais Educação, criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para indução da construção da agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino que amplia a jornada escolar nas escolas públicas, para no mínimo 7 horas diárias, por meio de atividades optativas nos macrocampos: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica.

A violência nas escolas, aqui abordadas, apesar de não ser gerada por elas, é dentro delas, que se toma grande dimensão, que se intensifica. Dessa forma, toda equipe escolar deve apostar no diálogo, como ferramenta importante no combate a violência. Discutir os assuntos conflitantes existentes no interior da escola é tão importante quanto discutir o planejamento das aulas, e programas escolares, promover a troca de experiências vivenciadas por aqueles envolvidos no processo de formação do indivíduo, significa a valorização do trabalho em equipe, em oposição às formas fragmentadas de resolução que, muitas vezes, não produzem efeitos positivos.

2.2. OS PROFESSORES

Os depoimentos dos professores são ilustrativos sobre o que se encontra no ambiente escolar, em termos das condições que contribuem para a construção da sociabilidade entre os alunos. O roteiro de entrevistas utilizado para professores (em anexo) aborda das questões 06 a 10 sobre a violência se o professor vivenciou situações de violências, como se sentiu, que mudanças houve a partir da violência.

“Sofri violência moral em setembro de 2014, foi uma situação muito difícil. É humilhante. Fomos três professoras a sofrer essa violência. Conversamos com os pais e a direção da

escola. Devemos entrar com um processo judicial contra os três alunos que fizeram isso” (prof. J.)

“A violência moral é um sentimento muito ruim, faz com que a gente perca a vontade de trabalhar.” (professora. J.)

“Após pedir com insistência, em poucos casos, o aluno gritou, por que não aceitou o pedido do professor para reduzir a indisciplina, insisti, mas me senti sem apoio da área (direção, vice, supervisão), o aluno gritou em aula após ter chamado sua atenção.” (professor .A)

“ Fui agredida por um aluno ao tentar contê-lo em um surto psicótico, até então não sabia que o aluno era psicótico, durante o surto ele agrediu um colega e agrediu a professora que conseguiu levar até a sala do SOE, quando chegou na sala começou a chutar tudo, derrubar todo o material em cima das mesas e a gritar, tentei acalmá-lo foi ai que ele começou a dar vários socos atingindo o meu braço esquerdo, deixei que ele se debatesse e quebrasse o que quisesse, foi uma cena horrorizante, fiquei muito nervosa e tremia toda por dentro” (professora G.)

“Fui agredida por um aluno do ensino fundamental e pela sua mãe, o que me fez repensar minha profissão, fiquei meses afastada devido a uma depressão, mas o amor falou mais alto e voltei, tive apoio da família, mas não é fácil ser agredida, humilhada em seu local de trabalho e nada é feito com estas pessoas” (professora V.)

Como podemos perceber alguns professores que se manifestaram por escrito relatam sua experiência nada fácil, alguns tiveram problemas emocionais sérios e ficaram afastados, outros apesar da situação tiraram forças e continuam na instituição, outros professores pediram transferência para outra escola. A violência contra o professor é marcante em quase todas as escolas seja municipal, estadual ou particular que vão do assédio moral, da violência moral a violência física.

Nossos professores estão desacreditados, muitos com níveis de estresse muito grande, a maioria não quis fazer a entrevista ou se quer conversar, alegando que nunca vem nada de bom para eles, são inúmeros “planos, pacotes educacionais que não incluem o professor,

somente o aluno, é como se o professor fosse mero coadjuvante da história, não sabem que é ele que está a frente de toda modificação das novas teorias, reformas educacionais” (prof. A)

Nas questões que mostram a violência hoje e como os professores veem seus alunos vai da 11 a 12.

Como já foi relatado a cima os professores veem seus alunos muito donos de si e com certeza da impunidade conforme a professora J. afirma em seu relato:

“ Os alunos estão se tornando cada vez mais violentos, indisciplinados. A escola faz o possível para educar, mas sem auxílio dos pais, se torna bem mais difícil.”

Já o relato do professor A.:

“ Escolas igual a um lugar de trabalhos inúteis/burocráticos e excessivos e alunos sem limites”.

Nestas duas afirmações percebe-se que os professores estão cansados e desacreditando nas próprias ferramentas de trabalho, como a firma o professor A. “A escola está burocrática e com trabalhos excessivos, está vindo para dentro da escola funções que são da sociedade, dos governos, das famílias, e que acabam jogando na responsabilidade somente dos professores e que os mesmos tem que dar conta”. É recorrente entre professores entrevistados a ideia de que a escola não tem que “educar”, de que a “educação” tem que vir de casa; a escola é entendida pelo papel de transmitir conhecimentos, ajudar o aluno a encontrar suas respostas, ser um mediador.

A baixo o relato da professora V, que trabalha no turno da tarde, como vice diretora, e a noite como professora de Educação Física – a entrevista foi gravada:

“Pergunta: Nestes anos todos que tu trabalhou como professora já vivenciou algumas situações de violência ou sofreu alguma violência de algum aluno? Violência eu nunca sofri, mas eu já presenciei situações de violência aqui na nossa escola e quase que praticamente diariamente. Fico indignada, né, essas situações eu não aceito quando os alunos saem da escola e saem para brigar, então eu tento acalmar os ânimos né e procuro tomar uma atitude,. Não deixo... não coloco panos quentes em cima, sempre trago os alunos converso, digo que eu não aceito na escola não gosto destas atitudes em frente a escola – em lugar nenhum né. É realmente eu não sei o que fazer eu me sinto com as mãos atadas, a gente conversa com os aluno né, tenta apaziguar, mas eu, realmente, eu sinto que nos temos teria nós teríamos que trabalhar com projetos, mas mesmo dentro da escola nosso tempo mais é apagar, apagar

incêndio. *Pergunta: E as questões de políticas da educação elas são eficientes ou estas políticas não chegam as salas de aula?* Não, realmente não chegam, não chegam às salas de aula, não chegam nas escolas não temos condições. Os professores estão sozinhos eles que resolvem, não! Não! Temos nenhuma política nem um auxílio ,nada. A gente procura né telefonar para o DECA né , pedindo soluções, mas nós temos que nos deslocar até lá pra qualquer comprometimento com aluno ai fica difícil o professor sai da escola né quem é que supri aqui na escola para fazer o registro lá é muito complicado”.

Como se percebe na entrevista, a professora V foi enfática ao declarar que o professor está sobrecarregado com muitas responsabilidades para resolver em pouco tempo e a sociedade não está acompanhando este sofrimento. É recorrente o depoimento de que a classe dos professores está acuada, cansada e desacreditada da sua real importância na sociedade. Outra recorrência nos relatos é que o governo, que cobra do professor especialização, não cria condições principalmente financeiras de trabalho. Percebem, ainda, que certos alunos de hoje são autoritários (sem limites, sem respeito), desconhecendo noções de bom senso; mostram-se imediatistas, consumistas ao extremo, refletindo políticas insuficientes ou inadequadas e uma sociedade apoiada em lógicas e relações de curto prazo.

2.3. ATUAÇÃO DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

A Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio Grande do Sul tem um departamento exclusivo para tratar dos assuntos que giram em torno de conflitos e violências nas escolas. Este setor denominado Comitê Comunitário de Prevenção à Violência nas Escolas (COPREVE) da Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul (SEDUC) realizou curso de Mediação de Conflitos no Ambiente Escolar de algumas escolas no Estado. Os cursos são direcionados a alunos, professores, coordenadores e equipes Diretiva e Pedagógica, em fim a todos os membros da escola. São realizados cursos, palestras, mediações entre os grupos.

Em entrevista com o Coordenador Estadual do Comitê Comunitário de Prevenção à Violência nas Escolas Sr. Alejandro, iniciou-se o estudo, em 2011, do Programa Estadual de Prevenção à Violência nas Escolas, quando foi criado o “Comitê Comunitário de Prevenção à Violência nas Escolas” (COPREVE). O trabalho inicial foi visitar todas as coordenadorias do RS, fazer estudos e pesquisas com as mesmas para mapear os tipos frequentes de violência

que as escolas sofriam, dentro destes resultados foi traçado um Programa Estadual de Prevenção à Violência nas Escolas; realizaram inúmeros encontros, relatórios, questionários, observações, reuniões e o projeto foi levado para a avaliação na câmara e sancionada pelo Governador do Estado do Rio Grande do Sul a Lei N.º 14.030, DE 26 DE JUNHO DE 2012. (publicada no DOE nº 123, de 27 de junho de 2012) Dispõe sobre as Comissões Internas de Prevenção de Acidentes e Violência Escolar – CIPAVE – no âmbito da rede de ensino público estadual do Rio Grande do Sul.

“Faço saber, em cumprimento ao disposto no artigo 82, inciso IV, da Constituição do Estado, que a Assembleia Legislativa aprovou e eu sanciono e promulgo a Lei seguinte:

Art. 1.º Poderão ser instituídas, nas escolas da rede de ensino público estadual do Rio Grande do Sul, as Comissões Internas de Prevenção de Acidentes e Violência Escolar – CIPAVE –, como instância integrante dos Conselhos Escolares instituídos pela Lei n.º 10.576, de 14 de novembro de 1995, que dispõe sobre a Gestão Democrática do Ensino Público e dá outras providências.

Com a Lei, as escolas terão de cumprir e organizar em suas Unidades CIPAVE, nos casos de violências organizarem-se em parcerias como prevê o Plano: “As unidades escolares estabelecem parcerias com as comunidades locais com organizações não governamentais, associações sociais e culturais, conselhos tutelares. Em Nível Regional as Coordenadorias Regionais de Educação estabelecerão parcerias interinstitucionais e formação de redes de atuação com as representações da Brigada Militar e da Polícia Civil, Ministério Público Estadual, Ordem dos Advogados do Brasil, da Secretaria da Justiça e do PRONASCI.. Em nível Estadual o Programa formalizará parcerias e formação de redes de atuação com as representações indicadas pela Secretaria Estadual de Segurança Pública, a Secretaria Estadual de Justiça, a Secretaria Estadual da Saúde, Ministério Público Estadual e Defensoria Pública.”

Porém, pode-se perceber que, no momento, não há ações na Capital. Ao ser indagado sobre esta questão, o Coordenador do Programa comentou Sr. Alejandro, que as instituições da capital através de suas gestões pouco fizeram ou nada fizeram para participar das ações do COPREVE. Foram feitos os convites para as reuniões nas coordenadorias, acionadas as CREs (Coordenadoria Regional de Educação) responsáveis e nada foi realizado, o que foi bem diferente no interior, houve mobilizações, aconteceram os cursos, palestras, reuniões, pesquisas, entrevistas e o trabalho está transcorrendo dentro do que foi proposto. Comentou ainda que as gestões atuais das instituições da Capital querem é um assistencialismo, balcão

de reclamações, fórmulas mágicas: “Eles têm que participar e entender que só com ações de prevenções, associações em redes de parcerias é que poderemos entender e prevenir a violência em nossas escolas”.

Percebe-se que há um desinteresse por parte da Secretaria da Educação no tocante as escolas da Capital, visto que todas as ações são direcionadas ao interior do Estado, o entrevistado Senhor Alejandro alegou que existem problemas de gestão e administração por parte da 1ª CRE (Coordenadoria Regional de Educação) e de alguns gestores de escolas. Os convites para participação no projeto foram feitos a 1ª CRE e não obtiveram respostas, as reuniões ocorreram com um número mínimo de participantes para o grande montante de escolas da Capital. As escolas não sofrem quaisquer imposições, são autônomas em suas decisões.

Cabe referir, ainda, que o Estado vem sendo chamado pela sociedade para elaboração de leis de combate ao *bullying*. A maioria dos projetos de lei sobre o assunto trata do combate ao bullying na esfera da educação. Quanto ao bullying escolar, existem algumas leis brasileiras tratando do tema na esfera estatal. Destaca-se aqui: lei nº 14.957, de 16 de julho de 2009 da Prefeitura de São Paulo decorrente do projeto de lei 01-0069/2009 do vereador Gabriel Chalita, lei 3887 da prefeitura do Mato Grosso do Sul proposta pelo vereador Maurício Picarelli, lei n.º 5.089 de 6 de outubro 2009 da cidade do Rio de Janeiro proposta pelo vereador Cristiano Girão. Há um projeto de lei em âmbito nacional para tratar do bullying, projeto lei 5369/09. No âmbito estadual, o artigo primeiro fala de um programa de combate ao bullying que tem participação do Estado e da comunidade e que é interdisciplinar. A lei estadual aponta para a complexidade do bullying e que para seu combate é preciso de uma série de profissionais em diferentes áreas.

O que se deve considerar com relação à busca de solução dos atos de violência que hoje se fazem presentes nas escolas, é que o aluno envolvido em sociabilidades violentas requer que se conheçam suas experiências e percepções, procurando detectar condicionantes da violência em suas atitudes.

O sistema escolar está em crise, não tem respostas para explicar e ensinar a viver em uma situação de crise das oportunidades de ganhar a vida, pois se trata de um mundo de carência, de tentativa de alcançar equipamentos

coletivos mínimos, em um horizonte de exclusão social. Resulta desse processo uma relação ambígua com a instituição escolar, exigida como meio de profissionalização e de transmissão de conhecimento e de valores da cidadania, mas entrecortada pela violência estrutural da sociedade brasileira. (TAVARES DOS SANTOS (2001, p.116)

São apontados nos Cadernos da UNESCO – Brasil – volume 4, (2000), características para a gestão educativa do século XXI, que vão ao encontro dos pontos de vista defendidos ao longo deste estudo. Faremos uma descrição, a seguir, de forma resumida.

- Conhecer a situação sócio-histórica, cultural e institucional em que se desenvolvem os sistemas educativos, incluindo estas considerações nas linhas de ações e tecnologias organizacionais abordadas;
- Conhecer diferentes técnicas e ferramentas disponíveis para a gestão administrativa, selecionando aquelas mais adequadas a sua realidade e aos recursos disponíveis;
- Conhecer as peculiaridades do setor educativo com vistas ao aproveitamento ou não de modelos administrativos e estratégias de outras áreas sociais;
- Promover uma gestão flexível que atenda às peculiaridades dos vários atores que estão envolvidos na ação educativa;
- Desenvolver tecnologias organizacionais que permitam associar e agregar ações aos esforços de diversos atores sociais e outras instituições;
- Analisar as políticas educacionais adotadas, avaliando seus resultados numa postura reflexiva que leve ao enriquecimento constante.

Depreende-se, pois, dos pontos abordados acima que o papel da gestão é de mediadora frente a gama de necessidades que envolvem a ação educativa, tanto num contexto mais restrito, escolar, quanto num contexto mais amplo, sistêmico. Ações isoladas e autoritárias não são apropriadas para lidar com essa problemática.

Ao final dos questionários, foi dirigida a alunos e professores a seguinte questão: Para professores: que ações, em sua opinião, são mais eficazes no tratamento da violência escolar? Para os alunos: Quais suas sugestões para melhorar as relações no ambiente escolar?

Analisando de forma resumida, diríamos que, na percepção destes dois grupos, em ambas as ações mais eficazes para lidar com violências no ambiente escolar seriam:

- Diálogo, comunicação, tanto entre alunos e professores, quanto entre escola e comunidade;
- Disciplina bem definida na rotina escolar e punição para aqueles que cometem atos violentos;
- Informação de todas as formas (seminários, encontros, palestras, depoimentos) sobre a temática violência;
- Rever salários e estudos para os professores;
- Cuidar dos prédios e espaços escolares que muitos estão abandonados em péssimas condições;
- Ter mais atividades diversificadas dentro da escola;
- Direção da escola ser mais presente e interagir com alunos;
- Ter aulas de música na escola, artes cênicas;
- Ter atividades no recreio (jogos, danças, etc.)
- Deixar os problemas de casa em casa;
- Ter atividades culturais dentro da escola;

Não é difícil detectarmos que o papel da gestão para lidar com violências no ambiente escolar é fundamental. As ações para lidar com situações de violências no ambiente escolar não são estanques e centralizadas na figura do gestor. Elas perpassam por um perfil de gestão democrática em todos os níveis.

Outra questão que chamou a atenção foi à aceitação por parte de alunos e professores das regras e punições como fator de ajuste ao convívio social, fato que demonstrou não ser a permissividade bem aceita quando o assunto é violência no ambiente escolar. Muitos alunos mostraram-se incomodados com grupos violentos dentro da escola, com alunos bagunceiros e que não fariam parte deste grupo. Gostariam que a escola tivesse regras mais claras e cumpridas. Os professores pedem, por seu turno, punições mais severas e encontros, palestras sobre a questão da violência na escola. Percebeu-se que tanto professores quanto alunos pedem mais a proximidade da Direção da escola junto aos alunos e professores, alegando que raramente a direção conversa/ interage com os mesmos.

A Secretaria de Educação também prevê a Mediação dos Conflitos e a Prevenção a Violência no Ambiente Escolar e em seu entorno nos itens 5.2 e 5.3 (anexo).

Outro aspecto necessário à comunidade escolar, é o acesso à profissionais específicos como psicólogos e assistentes sociais; esses profissionais atuariam na promoção de reuniões e debates que conscientizassem sobre o papel da família, sobre os efeitos das drogas, suas manifestações, e como detectar a sua presença no ambiente familiar.

3. SOCIABILIDADE VIOLENTA E SUAS EXPRESSÕES NA ESCOLA ESTUDADA

Como já foi assinalado, a realização desta pesquisa propõe-se a compreender e analisar o fenômeno das formas de sociabilidade violenta na escola, indagando sobre como se constrói a sociabilidade entre jovens/adolescentes em instituições escolares.

Faremos a transcrição de partes e focos vitais que evidenciem formas de sociabilidades violentas na escola investigada. Nesta tarefa de análise das entrevistas, procuramos nos ater à premissa de que os conteúdos discursivos são dos lugares institucionais específicos como resultantes de relações produtivas, na perspectiva Aquino (1996, p.47), para quem “quando o sujeito fala, o lugar institucional discursa”. Isto posto, passaremos adiante a destacar e analisar alguns trechos selecionados dos relatos obtidos durante as entrevistas, os quais mostraram-se significativos e representativos na identificação de focos aparentemente relacionados à violência e sociabilidade.

Como apontado na introdução deste trabalho, os alunos que preencheram os questionários são do sétimo ano do ensino Fundamental com idades de 12 a 15 anos sendo em sua maioria dos 12 aos 13. A turma 702 é uma turma com maior número de adolescentes com 14 e 15 anos. Em ambas as turmas predomina o sexo feminino. Analisou-se que a maioria dos alunos vive com seus pais e irmãos, mas a turma 701 surpreendeu pelo número elevado de alunos que moram ou com a mãe, avós e tios. Na 702 alguns alunos moram com a mãe. A mãe como a chefe da casa e mantenedora de toda a família e alguns casos moram com a mãe e os avós.

Nas questões em que apontam a socialização (questões 03 à 14) muitos confirmam ter amigos, alguns colocaram ter muitos amigos outros poucos amigos. Percebe-se que os alunos se associam através de qualidades, características semelhantes, identificam-se pelos mesmos gostos, afinidades, curtem as mesmas coisas, consideram seus amigos fieis parceiros. A maioria dos alunos respondeu que seus amigos são os da escola, poucos têm outros grupos fora da escola; Os grupos mais citados fora da escola são: grupos de natação, futebol e igreja. Nas mesmas questões apresenta rivalidade entre os grupos, estes não andam juntos, não se misturam muito menos em sala de aula, os grupos adversários são: grupo dos nerds não anda com o grupo dos funkeiros e os funkeiros por sua vez não andam com o grupo das modinhas.

As respostas definem que os alunos só participam de grupos que realmente se identificam, e há alguns que apresentam preconceito a alguns grupos como, por exemplo, aos nerds, “modinhas”, não são bem aceitos nos demais grupos. Os grupos são um tanto quanto homogêneo, isto é muitas semelhanças entre os participantes, confirmam ter muitas panelinhas, grupos muito coesos estão sempre juntos. Dentro destas afirmativas percebe-se que dificilmente um grupo vai se integrar em outro.

Nas questões em que sinalizam o preconceito, indisciplina, violência e bullying que são a 16 17,18, 19, 20, 41, 42, 43 e 44. Analisou-se que os alunos se fortalecem em seus grupos, mas há rixa, brigas, alunos, violentos, indisciplinados que não obedecem as normas da escola e muito menos seus professores, brigam por qualquer coisa, como alguns comentaram:

“Brigam por frescuras, as gurias brigam por machos brigam até por um olhar torto ; brigam por fofocas, falsidades; Arreganhos, apelidos, por perseguição bullying, disputa de namorada, namorado, invejas, ciúmes, encontrões no futebol” (M, turma 702)

“As brigas acontecem por falta de respeito, por falsidade e por pegação” (P. Turma 702)

“ Já presenciei brigas até mesmo dentro da própria sala de aula, assustando a professora e a todos nós, foi feio vendo os meninos de agredirem violentamente” (C. Turma 701)

“Um menino respondeu para a professora e o colega repreendeu e ele não gostou, levantou e deu um soco na cara dele ai foi aquele reboiço dentro da sala, gritaria das gurias e desespero da professora que não conseguia separar eles, foi feio e pra completar eles marcaram se pegar na saída, cada um acionou sua Gang fora da escola pela internet, eu pedi pra sair mais cedo e liguei para o meu pai vir me buscar, por que este colega é da pesada, fiquei com medo de ter tiroteio ou coisa pior “ (depoimento do grupo focal da aluno turma 701)

“ A garota do magistério pegou o namorado da “G” e ela não gostou nada, mesmo porque ela mal tinha terminado com ele e tudo por causa desta garota, quando ela viu os dois juntos esperou a garota entrar no banheiro e pegou ela pelos cabelos e marcaram de se pegar na saída, mas o que a G não sabia e que a guria tinha chamado reforço, nossa! foi feio de ver tinha um batalhão de gente pra ver a briga atrás do colégio a G viu a garota e foi correndo

para cima dela deu um chute na menina, e o que ela não esperava é que as colegas dela vieram pra cima da G ela ficou no meio de um grupo de garotas todas maiores do que ela e ninguém separou a briga até que alguém avisou a direção da escola que chamou a brigada militar, a gang das gurias assim que souberam da policia saíram correndo, a G ficou toda quebrada e os pais dela tiraram ela da escola, fizeram boletim de ocorrência na polícia contra a garota que ainda anda por ai. (grupo focal aluna da 701)

Percebe-se que há uma inflexibilidade, falta de paciência e principalmente falta de diálogo, os adolescentes/jovens partem logo para a agressão física ou agressão verbal, são imediatistas, não toleram perder, querem estar sempre em evidências. Nas respostas, vários já se envolveram em brigas por motivos fúteis, tanto meninas quanto meninos.

O Bullying é o mais comentado, vários alunos queixaram-se de sofrerem com perseguições por seu jeito de ser, pelo tamanho das orelhas, por ter espinhas, etc. Outro fato são as meninas que brigam principalmente por disputas de namorados, não toleram ser trocadas, são até mais agressivas do que os meninos, batem boca, dão puxões de cabelos, fazem ameaças em fim, estão muito mais violentas do que os meninos.

Temos um caso típico de violência do Bullying que passou para a questão psicológica o aluno “P” está em tratamento psicológico depois de enfrentar nas escolas todo tipo de humilhação, era chamado de gordo, esquisito, nerd, etc. estes apelidos, perseguições, e xingamentos ficaram mais intensos nos dois últimos anos em que o aluno passou a apresentar vários distúrbios vindos a desencadear na síndrome do pânico, onde por ordem médica o aluno foi desligado da última escola, em que a violência psicologia era mais intensa por parte dos colegas. Este aluno ficou afastado de junho de 2013 até este ano quando foi transferido para a Escola na qual realizamos a pesquisa. Ainda em tratamento tem crises e não consegue ficar na sala de aula por muito tempo, tendo que sair antes do intervalo, não tolera barulho, gritos, bagunça, quando a turma fica agitada ele sai correndo da sala tentando fugir para casa. Algumas vezes o aluno vem acompanhado da psicóloga até a escola. A mãe do menino liga para a profissional ir até a casa dele para fazer com que ele saia do quarto e venha para a escola. Através de um acordo com a Psicóloga e o menino ele tem que ficar na escola até às 15hs45 min.. Percebe-se que o menino faz um esforço muito grande para permanecer em sala de aula, é um aluno concentrado e inteligente, mesmo tendo faltas nos dois últimos períodos está conseguindo acompanhar as disciplinas, fazendo as atividades em casa. Seu tratamento é

longo e tem muito que ser reconquistado, no que tange aos colegas não conversa com ninguém, é retraído, só fala quando a professora pergunta algo, mas responde bem baixinho, as professoras conhecem o problema do aluno e respeitam suas dificuldades.

Nas questões sobre a escola 30 a 36 onde a maioria escreveu que gosta de vir para a escola para ver os amigos, conversar, jogar e namorar, já para estudar poucos. Muitos gostam de matar aulas e ir para praças ou shopping para ficar junto com o grupo de sua preferência, mas tem aquele grupo que não gosta de matar aula, apesar de não acharem as aulas interessantes conforme depoimento de alguns alunos do grupo focal:

“A gente mata as aulas porque não tem nada de interessante, as aulas são chatas e pesadas”

“Sempre a mesma coisa, copiar, copiar e copiar e se a gente vai à informática é pra fazer uma pesquisa e novamente fazer texto, isso é muito chato”

“ As professoras enchem o quadro, é livro pra ler aquelas leituras intermináveis e que não se entende nada, exercícios chatos, nada é interessante, as aulas ficam cansativas e chatas ai a gente conversa troca mensagens acessa o face manda recadinhos pelo whats app ”

Percebe-se que para a maioria destes adolescentes/jovens as aulas não passam de momentos chatos, sabem que é importante, mas gostariam de fosse alas mais divertidas, não há um comprometimento com os estudos, tirando um ou outro que se esforça, mas para um grupo grande onde dois ou três tem este perfil de estudar, é muito preocupante. Os jovens são imediatistas e tem cede de viver intensamente, aulas monótonas não combinam com esta explosão de vivacidade e energia, talvez esta inquietude o não achar nas aulas algo que os complete ou venha saciar esta sagacidade os levem a indisciplina a romper com as regras e se expressarem de maneiras violentas, se agregarem em grupos e serem opositores a tudo que venha contra suas vontades.

Percebe-se que nossas escolas não estão preparadas para esta nova geração, com tanta vivacidade/energia e com muitos recursos tecnológicos enquanto que na escola há uma distancia do ideal que eles almejam.

Na escola pesquisada além da violência diária sofrida por parte de alguns alunos como tapas, agressões verbais ainda há os alunos com alta medicação, isto é, alunos com problemas

sérios de comportamentos violentos que são mantidos com reguladores de humor muito forte, e quando este remédio é combinado com drogas o poder de descontrole é muito alto. Comforme relatos da Orientadora o perigo desta combinação, remédio droga é para o usuário e principalmente para a comunidade escolar. Num ato de descontrole de um aluno, já mencionada anteriormente, estava visivelmente alterado devido a esta combinação droga e remédios, bateu em um colega, puxou os cabelos de uma aluna, vindo a arrastar esta aluna pelo corredor, sendo socorrida pelo monitor, logo em seguida pegou em mãos uma lâmpada fluorescente e vai para cima de outro aluno, novamente o monitor intervém, bate em uma monitora, e na professora que estava na sua sala, destrói a sala completamente com chutes e pontapés, só para quando a Briga Militar chega e o contem, mas mesmo assim precisou quatro homens para deter o adolescente. Conforme relatos da Orientadora este adolescente estava passando por uma situação muito perturbadora que seria seu desligamento da casa lar onde residia (morador das aldeias SOS), como não tinha parentes, não teria para onde ir, seu destino seria a rua e toda esta situação o estava angustiando e da sua maneira estava tentando manter vínculos, só que escolheu o lado errado (marginais do seu bairro).

Em conversa com a Orientadora sobre este caso que nos chama atenção deste adolescente que vive a angustia de saber que não vai demorar a ter que ir morar nas ruas sem ninguém sem apoio e a sua revolta é contra tudo e todos, a Orientadora várias vezes conversou com o menino que tinha um bom coração, gostava de músicas gauchescas, inclusive ela conseguiu que ele participasse de um piquete na Semana Farroupilha em Porto Alegre, foi uma das maiores alegrias do adolescente.

Percebemos o quanto não estamos cuidando dos nossos adolescente/jovens, estamos largando-os a sua própria sorte, de que adianta cursos do governo se não se tem um lar? De que adianta bolsas de estudos se não tem o que comer e nem ao menos um local para descansar? Realmente nossas políticas em relação aos jovens devem ser revista o mais rapidamente. Inconformados com a situação do adolescente resolvemos ligar para a Administração das aldeias SOS, onde foi nos informados que os jovens são preparados dois anos antes de que terão que deixar o abrigo assim que completarem 18 anos, e que durante um ano receberão uma quantia simbólica para pagar um aluguel, pousada, em fim, para se manter até procurar um emprego, após este ano é interrompido a ajuda e o jovem fica a mercê de sua sorte. Os que têm família são entregues a elas, o que muitas vezes não é tão interessante, pois

estas famílias nunca ficaram com o jovem por não quererem ou por não ter condições, e assim que o jovem chega as suas casas em pouco tempo já estão nas ruas.

Neste sentido, podem-se identificar diferentes expressões de sociabilidade violenta na escola investigada que são a seguir tipificadas com apoio nos dados colhidos em campo e na literatura especializada.

3.1. VIOLÊNCIA FÍSICA

A concepção dos docentes é, em geral, de que violência física se vincula com a agressão física e brigas entre alunos. Seja dentro da escola ou nos arredores dela, isto é, brigas ou acerto de contas envolvendo os alunos. Assim, briga de alunos na frente da escola briga por causa de merenda, brigas na sala de aula, briga de meninas, briga entre gangues rivais, brigas com facas e revólver, caracterizam o tipo de violência física relatada. Conforme relatos de professores da escola pesquisada, muitos professores afirmam que a violência física é constante entre os adolescentes, um olhar mal interpretado já é motivo de tapas, socos e ponta pés.

Em um relato na Escola Pesquisada ficamos sabendo da aluna “T” que fazia parte de uma “Gang”, a menina foi expulsa de uma escola e veio parar nesta escola, mas seu histórico com violência impressionava, já que era uma menina muito jovem, com apenas 15 anos já comandava o grupo. Em uma briga que teve com outra menina da mesma escola ela ameaçou a garota dizendo que sua “gang” iria pegar a menina na saída da escola, não demorou muito e após o intervalo esta menina ameaçada estava na educação física e pela cerca (escola é gradeada de um lado apenas por telas) algumas mulheres (jovens adultas) e de porte avantajado gritavam palavrões de ordem para a menina, que em pânico correu para a direção da escola que de imediato acionou a Brigada Militar que colocou todas as jovens contra a parede e revistou a todas, liberando-as logo e a menina que acionou a “gang” foi chamada na direção e só foi liberada para casa com a chegada do responsável, e a menina ameaçada começou a vir com os pais para a escola até sua transferência para outra escola, pois os pais estavam com medos de que as ameaças continuassem. A jovem novamente se envolveu em atritos, aliás, pelos relatos da direção esta menina toda a semana estava envolvida em atos de violência com meninas, meninos e um dos fatos intrigantes foram quando a mãe de um menino entrou na briga e gritava junto ao policial que “ela não iria bater na jovem por ser

menor, mas que pagaria outra jovem da mesma idade para dar uma surra nela”, o policial conciliador tentou alertar esta mãe das consequências de seu ato, mas ela não deu atenção, foi chamado o pai da menina novamente, sendo que o mesmo já havia sido chamado inúmeras vezes em apenas dois meses de escola. O pai bateu boca com a mãe do menino agredido verbalmente e ameaçado pela menina, alegava que sua filha não fazia parte de nenhuma “gang” que não era marginal, a direção da escola bem como o pedagógico tentavam amenizar os ânimos que estavam muito alterados, com a afirmação da mãe do menino e o guarda que confirmou ao pai que a menina era a líder do grupo, o pai transtornado levou a filha para casa prometendo castigos severos e uma das medidas foi retirar a menina da escola. Devido à questão das ameaças foi aberto um processo contra a menina, mas a direção da escola não ficou mais sabendo como ficou o caso, mas as notícias de que a menina continuava aprontando chega à escola por alunos que a conhecem.

A depredação escolar é caracterizada pelos atos de vandalismos, causados muitas vezes pelos próprios alunos das escolas. Portanto, é importante lembrar que caracteriza-se, também, pelas pichações, pela quebra de louças das instalações sanitárias, pelo furto de lâmpadas e de outros materiais que se encontram instalados nas instituições.

A escola teve vários episódios de alunos violentos, mas um chamou nossa atenção ao estudar os registros em Atas ao ver relatos sobre a depredação e violência que a escola e toda a comunidade escolar sofreram com um aluno oriundo das Aldeias S.O.S. Este jovem veio com medida judicial para a escola, era um menino cheio de problemas com a justiça devido as várias manifestações de agressões contra professores e colegas bem como destruição dos objetos das escolas. Este adolescente chegou à escola para uma turma do sexto ano, onde a maioria dos colegas de aula eram menores que ele com idade entre 9 a 12 anos enquanto que o adolescente já estava com 15 anos completos, tinha porte atlético, forte, fazia uso de medicação controlada e era usuário de drogas, e a maioria das vezes vinha para a escola ou dopado (combinação dos remédios com a droga) em outras vinha transtornado, batia nos colegas, pegava as meninas pelos cabelos, empurrava os professores, batia boca com coordenadores, destruía os móveis da sala jogando contra a parede. O maior dos distúrbios ocorreu em abril de 2012 quando o adolescente teve um distúrbio violento, um colega pediu que ele sentasse (nunca ficava sentado, passava o tempo todo passeando pela sala, corredores e ou atrapalhando as outras salas), olhou furioso contra o colega e pegou ele pelo pescoço ergueu no alto e jogou contra as carteiras e foi para cima do colega novamente para dar chutes

e ponta pés, a professora deu um grito e ele veio em direção da mesma dando um empurrão violento fazendo com que a mesma caísse por cima da cadeira vindo a se machucar, pediu para um aluno chamar ajuda, neste meio tempo o adolescente em fúria pegou o cesto de lixo e quebrou, jogou cadeiras nas paredes, chutou as portas de várias salas de aulas, assustando alunos e professores. Neste meio tempo, subiu no pedestal do *hall* da biblioteca e retirou uma lâmpada fluorescente e saiu atrás de um aluno para bater nele com a lâmpada, foi interceptado pelo monitor que conseguiu tomar a lâmpada do adolescente raivoso, neste meio tempo as crianças gritavam em pânico, várias professoras correram para a sala dos professores e se esconderam, o adolescente em fúria dava chutes na porta da vice-diretora que correu e entrou dentro do banheiro e ficou presa até a chegada da brigada militar, a orientadora educacional ligou para a Brigada Militar que ao chegar tentou conter o aluno que parecia mais descontrolado; quebrou um bebedor, agrediu violentamente a monitora, quebrou várias janelas e subiu no telhado e debochava dos militares que tiveram que pedir reforço para controlar o adolescente que foi levado a delegacia algemado. A monitora fez registro na delegacia Boletim de Ocorrência, e foi atendida no hospital. A orientadora tentava acalmar a todas as crianças e professores, a Vice-diretora em crise de choro pelo pânico teve que ser levada para casa, a professora que foi agredida solicitou dispensa e saiu da escola. A escola pediu ajuda do Conselho Tutelar que alegaram não poder fazer nada em relação ao adolescente pois o mesmo tinha medida judicial, foi ligado para a Secretaria de Educação que na época disse que a escola deveria resolver “seu problema” não dando a mínima ajuda ou apoio para a escola. Neste episódio, a Escola ficou sozinha com o seu “problema” contando com o Conselho Escolar que resolveram pelo desligamento do adolescente da escola. Mas o que é mais sério nesta questão que tanto as crianças, quanto os profissionais de educação não receberam qualquer ajuda psicológica e ou orientação, ficando tudo a cargo da Equipe Pedagógica da escola desenvolver um trabalho interno com as crianças, já os professores alguns deixaram a instituição e outros acuados e amedrontados ficaram largados a própria sorte.

Para Abramovay e Rua (2002), as brigas representam uma das modalidades de violência mais frequentes nas escolas, seja na forma de sociabilidade juvenil, seja na forma de condutas brutais. Segundo os professores, muitas vezes as brigas ocorrem como continuidade das brincadeiras entre os alunos. É comum ouvirmos nas escolas um certo saudosismo em relação às brincadeiras de antigamente, consideradas bem mais educativas e desprovidas dessa agressividade inerente a muitas da atualidade. Alguns profissionais entrevistados

comentam que as brincadeiras são violentas, correr, bater no outro, dar soco. Acredita que as mídias influenciam os jovens a violência, que até os desenhos direcionados as crianças são violentas. Sejam como continuação das brincadeiras, ou da própria violência verbal, as brigas são considerados acontecimentos comuns no cotidiano da escola pesquisada, sugerindo a banalização da violência.

3.2. VIOLÊNCIA VERBAL E PSICILÓGICA

A violência verbal foi relacionada com a agressão verbal, injúrias, xingamentos e ameaças, tanto entre alunos, como também destes para com professores, corpo técnico e demais funcionários. Uma que é geral é tratar o colega, eles nem se chamam mais pelo nome, chamam ou com palavrão ou com apelidos que agridem. Segundo os professores, as palavras ofensivas, os insultos aos colegas e provocações são entendidos como precursores de ocorrências mais graves, como as brigas e as agressões físicas. Assim, o que num primeiro momento são agressões verbais em geral, podem vir a ser precursores de agressões físicas, caso não exista a capacidade de se resolver as diferenças por meio do diálogo e da negociação. Na escola pesquisada, a Orientadora faz um trabalho intensivo de conversas, diálogos com os alunos sobre esta questão de apelidos, injúrias, palavrões etc. está seguidamente com alunos no SOE (Serviço de Orientação Educacional), orientando, e chamando a atenção dos alunos sobre a gravidade destes atos.

3.3. VIOLÊNCIA SIMBÓLICA – DESRESPEITO (AMEAÇAS E INSULTOS)

Em relação ao desrespeito para com o professor, aparecem depoimentos que apontam atitudes de rebeldia, insultos e ameaças, isto é, promessas de provocar danos ou de violar a integridade física ou moral desses profissionais, para que sejam menos exigentes nas avaliações, e até mesmo, casos de agressão física.

As ameaças que aterrorizam professores e funcionários podem ou não se concretizar. Durante nossas pesquisas na escola no mês de agosto sai na mídia que um professor em uma escola conhecida da rede estadual de Porto Alegre fora agredido com uma pedrada na cabeça, outra professora leva uma facada do aluno, os professores comentando os fatos na sala dos professores o clima era de apreensão e temor. Ocorrências como essas geram um clima de

insegurança, tensão e estresse constantes para professores, corpo técnico, funcionários e para os próprios alunos.

Uma das ocorrências de violências na escola contra o professor foi quando um aluno enraivecido por ter que tirar os fones do ouvido e desligar o celular empurrou a professora e a agrediu com inúmeros palavrões saindo da sala batendo a porta. Outro fator o aluno entrou totalmente drogado na sala de aula e começou a dizer “gracinhas” para a professora que percebeu o estado de alteração do aluno chamando a direção, o aluno recusou-se a sair da sala agredindo a todos com palavrões e empurrando as mesas e cadeiras, dando tapas na cabeça dos colegas, saiu ameaçando a professora que ela prestasse atenção que ele era do BONJA (Bairro Bom Jesus, que tem fama por ter muitos grupos violentos). Com estas ameaças a professora foi embora da escola.

Codo e Vasques-Menezes (1999) afirmam que uma das consequências desse estresse crônico é o burnout. Freudenberger (1974) criou a expressão staff burnout para descrever uma síndrome composta por exaustão, desilusão e isolamento em trabalhadores da saúde mental. Segundo Ballone (2005) “o termo burnout é composto por burn (queima) e out (exterior), sugerindo assim que a pessoa que sofre com este tipo de estresse consome-se física e emocionalmente, desenvolvendo comportamentos agressivos”.

3.4. DISCRIMINAÇÃO E PRECONCEITO

Em relação à discriminação e ao preconceito, os docentes notam que, no interior da escola pesquisada, existem casos de preconceitos entre os alunos, como, por exemplo, contra negros e aqueles que não possuem os padrões estéticos vigentes. Eles também apontam a discriminação socioeconômica, isto é, piadas e brincadeiras de mau gosto contra os alunos mais pobres, bem como a discriminação intelectual, tanto para com os alunos considerados muito estudiosos, quanto para aqueles em maiores dificuldades de aprendizagem.

Um dos casos relatados de discriminação quanto a questão social foram contra uma menina do quarto ano do Ensino Fundamental, as crianças a chamavam de “fedorenta”, filha do lixo (os pais são recicladores, catadores de latinhas e papelão pela cidade), a criança vinha para a sala de chinélos de dedos e suas roupas algumas vezes eram sujas ou rasgadas e

várias vezes ela e seu irmão vinham para a escola sem tomar banho, e este fato faziam que sofressem humilhações das demais crianças, a menina chorava muito pelos apelidos, e discriminações, foi realizado um trabalho com toda a turma pela Orientadora Educacional, sobre a questão das discriminações, e com o tempo o grupo passou a respeitar e até ajudar a menina com doações, inclusive algumas professoras e supervisora da escola que tinha uma filha com a idade próxima da menina doou algumas roupas, mochilas e calçados para a família. Hoje a menina já sabe se defender e algumas vezes recebe um insulto por alguma colega mais nervosa, mas no geral a turma não mais a persegue.

3.5. VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Em seus relatos, os professores também abordam a violência doméstica, que ocorre no âmbito privado da família, seja entre pais e filhos, ou mesmo entre os cônjuges. Os relatos mais comuns é a falta de comprometimento das famílias em relação a criança e com suas dificuldades na escola. A Orientadora relatou que estão a um bom tempo tentando que a família de um menino que está no terceiro ano do Ensino Fundamental que apresenta muitas dificuldades de aprendizagem façam encaminhamento para um profissional, já telefonaram inúmeras vezes, recados, indicações de profissionais com preços acessíveis bem como profissionais de entidades que atendem gratuitamente e até agora nada, sendo acionado o Conselho Tutelar.

Outro caso que nos deixou bem intrigados com uma aluna do Sétimo ano no Ensino Fundamental com quatorze anos de idade que engravidou no ano passado quando ainda tinha treze anos, a Orientadora Educacional conversou com a menina, foi chamado o Conselho tutelar na escola onde o Conselheiro conversou com a menina que contou que estava grávida do namorado vinte anos mais velho que ela, que a mãe sabia e que já estava de dois meses. A menina tinha o porte de uma jovem adulta, bem desenvolvida estatura grande não tinha corpo de menina de treze/quatorze anos. Mas o que chamou a atenção foi à história da menina que tem uma família desestruturada, o pai era traficante e foi morto na sua frente quando tinha sete anos sendo que uma das balas acertou suas pernas, ficou bom tempo sem caminhar, seus dois irmãos assumiram o tráfico após a morte do pai, o irmão mais novo estava preso no Paraguai por tráfico internacional e o mais velho havia saído a pouco tempo da prisão. Ela não se dava muito com a mãe foi criada pela avó materna, devido a problemas financeiros da avó teve que ir morar, depois de grande, com a mãe. A mãe da menina foi chamada a escola mais não

compareceu, ficando a cargo do Conselho Tutelar a intervenção. Veio às férias de julho e a menina ao retornar em agosto para a escola estava sorridente e dizendo que não tinha mais filho que havia sido agredida por outras meninas do seu bairro “Por causa de um menino” e acabou perdendo o filho, novamente a mãe foi chamada na escola pela Orientadora, ao ver que estava sendo lavrada uma ata a mãe contestou a gravidez da filha dizendo que a menina havia inventado toda a história que nunca houve gravidez que a levou no posto médico e nada foi confirmado, solicitaram o acompanhamento do médico e de uma psicóloga para a menina, a mãe autorizou que a menina fizesse consultas, mas logo tirou a menina do atendimento, sendo o Conselho Tutelar novamente acionado, a mãe retirou a menina da escola. Em seus relatos a Orientadora a menina sempre falava de tristeza, e solidão. Mais um caso de descaso da família com uma adolescente que já usa o corpo para sobreviver.

Segundo os sujeitos pesquisados, o ataque à integridade da criança ou adolescente, seja físico, emocional ou por omissão, tem um impacto extremamente danoso ao desenvolvimento social, intelectual e moral dos alunos, o qual dificilmente a escola poderá reverter.

3.6. BULLYING

O bullying passou a ser divulgado como prática de violência no âmbito da escola há pouco tempo, porém a prática de desrespeito e humilhação não é recente. O que parece ter sofrido alteração é como a sociedade encara essa prática, em especial frente a uma estrutura escolar que não tem mais o papel disciplinador de outrora. Segundo Salgado (2010), hoje pode-se falar que o bullying passou da esfera da escola, pois tem causado problemas sociais graves, inclusive com suicídios e massacres. Milhões de crianças e adolescentes sofrem de práticas de bullying e as estatísticas somente apontam para o crescimento desses números.

Para Fante (2008), o bullying é hoje, sem dúvida, um dos temas mais discutidos em todo o mundo, o que desperta crescente interesse nas diversas ciências e esferas sociais. Em meio às discussões, o que é natural, surge uma infinidade de opiniões, ideias, sugestões, estudos, publicações e etc., que tentam explicar o fenômeno e os motivos que leva um indivíduo ou grupo a agir de forma deliberada e, muitas vezes, tão cruel. No entanto, ante a urgência de encontrar respostas eficazes, interpretações e informações equivocadas, geradoras

de controvérsias, acabam por dificultar o processo de entendimento e resolução do problema.

Segundo a autora:

O bullying é uma forma de violência que ocorre na relação entre pares, sendo sua incidência maior entre os estudantes, no espaço escolar. É caracterizado pela intencionalidade e continuidade das ações agressivas contra a mesma vítima, sem motivos evidentes, resultando danos e sofrimentos e dentro de uma relação desigual de poder, o que possibilita a vitimação. (FANTE,2008)

Segundo Fante (2008) o bullying tem como marca constitutiva o desrespeito, a intolerância e o preconceito - que impregna as relações humanas em todas as sociedades -, contra alguma característica que destaca ou diferencia a vítima dos demais. Há, ainda, que se considerar o desequilíbrio de poder entre as partes, cujo diferencial está ao nível dos jovens, podendo ser percebido em relação à diferença entre forças físicas, emocionais ou sociais. Portanto, o desequilíbrio é que proporciona vantagem de poder do(s) autor(s) sobre a vítima, possibilitando, com isso, o processo de vitimação contínuo e danos decorrentes. Por outro lado, facilita-lhe a conquista de status perante o grupo classe/escola, o que garante popularidade e aceitação e/ou temor.

Conforme Salgado (2010), os graus de violência do bullying são muito amplos, uma vez que as condutas são muito diversas. As leis que buscam reprimir o bullying no Brasil apresentam uma classificação que parece pouco útil, mas que é interessante por explicitar algumas ações praticadas no bullying. Grande parte dessas ações é considerada crime na legislação estatal.

Além dos termos assédio moral e físico/sexual, o bullying também é confundido com a intimidação. Há um projeto de lei que visa criminalizar a conduta de intimidação, que é na justificativa do projeto chamada de bullying. O projeto de lei n. 6935/10 pretende introduzir no Código penal no capítulo dos crimes contra a honra, o crime de intimidação, que é assim definido.

Há uma grande semelhança, porém a intimidação não tem como foco a violência física, mas sim a psicológica e no bullying isso pode ocorrer. A proposta não fala da aplicação no âmbito escolar, nem faz menção a uma alteração para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), condenando tal conduta. No entanto, a justificativa do projeto fala da

importância de se criminalizar o bullying e dos danos que este vem causando na sociedade, em especial as crianças e adolescentes. Entende-se que a proposta do projeto de lei tem grande dificuldade de poder ser aplicada no âmbito escolar, mesmo com modificações, uma vez que essas penas não poderiam ser aplicadas aos menores de idade. Aos menores não se aplica as sanções do código penal, mas sanções próprias dispostas no ECA. O projeto parece restrito à criminalização da intimidação que é cometida por adultos. (SALGADO,2010)

Nota-se segundo Salgado (2010), que a maioria das escolas tem se esforçado para entender o fenômeno e orientar seus profissionais, estudantes e pais. Inegavelmente, o bullying é assunto de extrema relevância e de urgente contenção, porém, a visibilidade que os meios de comunicação têm proporcionado, muitas vezes tratando o tema de forma alarmista ou equivocada, acaba por confundir a opinião pública. Fato que pode gerar risco de generalizações – todos os problemas entre estudantes se tornam bullying -, o que pode banalizar ou legitimar as ocorrências de bullying. Evidentemente, que as escolas não são “ilhas de paz”, os conflitos acontecem de forma natural nas relações sociais. Porém, quando não mediados ou mal resolvidos, tendem a gerar desentendimentos e discussões, podendo resultar em agressões ou violências, geralmente pontuais.

Uma modalidade mais recente do fenômeno vem se desenvolvendo rapidamente, acompanhando o progresso tecnológico: o cyberbullying, que se utiliza basicamente de telefones celulares, especialmente os dotados de inúmeras funções, e de computadores ligados à Internet. Meninas são filmadas ou fotografadas em cenas sexuais, meninos são provocados para brigar e são fotografados no momento em que estão apanhando, cenas são forjadas com os recursos da informática, tudo com o objetivo de divulgá-las na Internet, de forma a expor os colegas a situações humilhantes e vexatórias. Alguns alunos na escola estudada foram alvos do cyberbullying.

CONCLUSÃO

No esforço de construção da categoria sociabilidade violenta na escola, a presente análise orientou-se pela seguinte indagação central: Como se constrói uma sociabilidade violenta no espaço escolar? Como hipótese norteadora da investigação, tem-se que as relações de poder entre os grupos e para demarcar territórios tendem a levar à violência na sociabilidade entre os jovens no espaço escolar, desde que se conjugando, de forma complexa e indeterminada, com pais descomprometidos ou ausentes em relação aos filhos e com escolas pouco equipadas para operar com vulnerabilidades diversas e demandas de inclusão crescentes e socialmente legítimas. Em termos teóricos, o estudo fundamenta-se nos conceitos de violência e de sociabilidade, tentando captar combinações difusas entre diferentes fatores que concorrem para expressões contextuais de sociabilidade violenta entre jovens na escola. Em termos empíricos, a pesquisa recorre ao caso de uma Escola da rede Estadual, situada na zona norte de Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul.

Ao compreendermos que não é a pobreza que leva o indivíduo a atos de violência, e a criminalidade, buscamos, na concepção de vulnerabilidade social, a forma possível para estabelecimento de critérios na identificação dos atores para nosso trabalho. Em termos de consumo cultural e seus espaços de cultura e lazer, verificamos que os jovens frequentam e escolhem os produtos para consumo partindo da disposição estética, a qual Bourdieu (2008) chama de gosto. O consumo de bens culturais varia segundo a hierarquia social atribuída aos bens de consumo. E o gosto é formado, a priori, na transmissão de capital cultural no âmbito da vida familiar e fortalecido na socialização no espaço educacional. (ASSIS, pg.08, 2012).

Dessa forma, os grupos de jovens se diferenciam significativamente pelo consumo cultural e pelos estilos de vida. A relativização dos grupos sociais, considerando-os como grupos em contato constante com outros grupos socialmente definidos, pode ser analisada a partir da compreensão das relações existentes entre as diferentes categorias de agrupamentos de indivíduos. Para Lahire:

Só podemos compreender os comportamentos daqueles que são designados por sua idade (...) situando-os em uma rede de relações e interdependência que é também uma rede de imposições e de influências mais ou menos harmônicas e contraditórias. Nem infância nem vida adulta, o período da adolescência só pode ser compreendido no cruzamento de imposições da escola, de imposições dos pais (mais ou menos homogêneas) e de imposições

ligadas à fratria ou aos grupos de companheiros a que se pertence (amigos(as) ou namorados(as), cujas propriedades sociais e culturais são mais ou menos homogêneas) (LAHIRE, 2006, p. 425).

Ao procurarmos verificar nos dados das entrevistas a relação do jovem com a família, no decorrer do diálogo surgiram, mais de uma vez, episódios violentos. Brigas entre os pais e entre o próprio jovem e algum membro familiar (tio, irmãos, padrasto etc.) fortaleceram nossas percepções sobre a socialização em um ambiente vulnerável de formação dos valores como estrutura estruturante de disposições e comportamentos incoerentes com as normas sociais. Pais permissivos, ausentes e outros sem o mínimo de entendimento no que tange a estrutura social, pensam que é na escola que o filho deve ter a educação, muitos alegam não saber o que fazer com o filho que apresenta problemas de indisciplina e violência, pois ali encontramos uma reprodução social triste.

Quanto à violência cultural e/ou simbólica, primeiramente, é preciso considerar que, segundo Araújo (2002, p. 19), o ser humano não se faz sozinho, sem a sociabilidade que o inclui no mundo da cultura. Nesse sentido, uma vez que o homem vive em sociedade e a partir dessa vivência adquire cultura, o que permite considerar que a violência cultural se dá numa relação onde determinado grupo impõe a outro, ideias e valores culturais. Nessa linha argumenta Moreira (2008, p. 301) que a agressão simbólica é aquela imposta pela sociedade dominante e que faz com que o indivíduo menos privilegiado, aceite como natural à dominação .

Carrano (2009) argumenta que o quadro da violência física e simbólica é agravado pela sonegação do direito à circulação e fruição sociocultural do espaço urbano. Há evidente estreitamento da mobilidade seja por força de fatores econômicos objetivos associados ao custo do transporte urbano, seja pelos “muros invisíveis” que a cidade impõe aos periféricos, ao analisar os questionários percebemos que a grande maioria só tem a escola como espaço cultural e isso é grave em uma sociedade que descuida dos seus adolescentes/jovens.

Silva, (2000), “em geral, a escola recebe muitos jovens vivendo em risco morando em bairros violentados por inúmeras desigualdades, produtores de sociabilidades violentas e onde a força bruta se torna a chave organizadora da experiência pública e da resolução de conflitos.”. Em anexo um bilhete de uma mãe informando que o filho não compareceu na

escola devido à intervenção policial, marginais ameaçando a população e dando toque de recolher.

Outro fator são as crianças oriundas de abrigos, casas lares, crianças com necessidades especiais. A escola está de braços aberto para a inclusão, e sabe que é direito de todos estarem nos bancos escolares, mas o que lhe falta é recursos humanos e seus prédios terem a devida acessibilidade. Conforme Carrano (2009) torna-se cada vez mais improvável que consigamos compreender os processos sociais educativos escolares se não nos apropriarmos dos processos mais amplos de socialização.

Sposito (2003) defende que adotemos o ponto de vista de uma sociologia não escolar da escola, ou seja, buscar compreender os tempos e espaços não escolares dos sujeitos jovens que estão na escola, mas que não são, em última instância, da escola. O jovem aluno carrega para a instituição referências de sociabilidade e interações não escolares que se distanciam das referências institucionais que se encontram em crise de legitimação.

Nosso contexto escolar heterogêneo, mas em um ponto se homogeneízam na falta de oportunidades culturais e de acessar os projetos governamentais que se concentram nos centros urbanos, distanciando, assim, nossos jovens de participar por inúmeros entraves sociais como já foi assinalado no parágrafo anterior A Secretaria Estadual de Educação até mantém alguns projetos soltos, isto é privilegia apenas uma ou duas escolas na grande Porto Alegre e na Capital mesmo, temos somente duas, o que não é interessante para o montante de escolas existentes no município. Projetos maravilhosos como música nas escolas o município de Porto Alegre teve apenas duas escolas, as demais ações foram para o Interior do Estado. Outros projetos interessantes como Mais Educação por força maior a escola estudada bem como muitas outras também não aderiram aos projetos por vários motivos, um dos mais alegados é a falta de estrutura física. Escola aberta tem como o motivo mais forte a violência, alegam que os Marginais e bandidos entrariam e se infiltrariam no meio das crianças.

As consequências e os custos da violência têm sido altos para a sociedade e para a qualidade de vida da população. No caso do ambiente escolar, foco deste estudo, este problema tem afetado diretamente a qualidade da educação oferecida pelas escolas e também tem privado profissionais e alunos de um convívio saudável.

Segundo Gatti (1996), as mudanças no cenário profissional dos professores produzido pelo aumento no número de alunos, pela sua heterogeneidade sociocultural, pelas novas demandas de escolarização geradas pela sociedade, pelo impacto de novas concepções do ensino e de formas de lidar com o conhecimento, não têm sido acompanhadas pela implementação de políticas educacionais capazes de enfrentar os desafios e de valorizar os profissionais de ensino.

Em contrapartida, a tendência de prover as escolas com equipamentos audiovisuais (televisões, data shows, computadores, livros didáticos) mostra-se limitada, como afirma Bosi (1997: 3): “Computadores e TV aos milhares, sem professores respeitados e estimulados são sucata virtual. Livros didáticos, sem mestres que os leiam e trabalhem com garra e entusiasmo, são pilhas de papéis destinadas ao lixo do esquecimento”. Verificou-se esse mesmo tipo de insatisfação no discurso de várias professoras entrevistadas.

De acordo com Weber (1997), a desvalorização social da profissão docente remete à tomada de consciência de que mudanças nesse panorama dependem basicamente do reconhecimento social da relevância da educação formal por parte da própria sociedade. As políticas públicas desenvolvidas ao longo de vários anos, no Brasil, acabaram sucateando as escolas e promovendo uma crescente desvalorização social do professor, aliada ao seu empobrecimento marcante, com reflexos profundos em sua autoestima. Isto constitui um quadro que pode ser pensado aqui como um desrespeito aos direitos humanos, não só dos professores, mas também dos alunos, de seus pais e de toda a sociedade, que, em última instância, sente os efeitos de tal desrespeito.

Lucinda, Nascimento e Candau (1999) citam diferentes manifestações de violência que, de forma direta ou indireta, ocorrem no cotidiano das escolas brasileiras e, dentre elas, as que se colocam na categoria de violência na escola: depredação escolar, como a quebra de instalações, furto de materiais e pichações; brigas e agressões entre alunos, como roubos, insultos, brigas e exploração dos mais novos; agressões entre alunos e adultos, como ameaças a professores e agressões verbais, físicas ou psicológicas impingidas pelos professores e outros profissionais da escola aos alunos. Todas estas modalidades percebemos nas entrevistas, observações e nos grupos focais.

Nessa perspectiva, a escola deixa de ser um espaço seguro, que visa a atitudes de respeito, amizade, harmonia, socialização e integração para ser cenário de diversas violências, nas suas mais variadas formas, desde simbólica, verbal a física; é um fenômeno social de significado e relevância para o estudo em questão.

A violência familiar é um problema que traz dificuldades ao cotidiano escolar, uma vez que a escola não está imune a seus reflexos e a suas consequências e também pode contribuir para aumentá-la quando reproduz desigualdades e formas de tratamento indevidas. Conforme Brasil (2002), “caracterizada por abusos com uso da força física de forma intencional, não acidental, praticada por pais, responsáveis, familiares ou pessoas próximas da criança ou do adolescente, com objetivo de ferir, lesar ou destruir a vítima”.

O problema de pesquisa era compreender como os jovens/adolescentes constroem uma sociabilidade violenta dentro do espaço escolar; advindo de famílias desestruturadas onde a violência e o desrespeito à pessoa são diários não é difícil perceber que alguns jovens associam-se a outros jovens que venham demonstrar força e poder, alguns que apresentam mesmos gostos, mesmas paixões até mesmos pelas brigas, é neste grupo é com este perfil que o jovem vai se associar, pois é assim que se reconhece, é assim o seu mundo.

Reflexos de políticas ineficientes que não vem ao encontro das necessidades das famílias, é o desemprego, desigualdades, pobreza, falta de oportunidades e condições igualitárias aos jovens, falta políticas sérias e que se cumpram dentro do que se propuseram profissionais desacreditados, a educação negligenciada por seus atores, em fim, há uma gama de situações sérias que pedem um olhar mais apurado bem como uma intervenção rápida de toda a sociedade.

O significado destas sociabilidades é a busca de identidades, de parcerias de grupos que falem a mesma linguagem que se entendem e se completam.

Buscamos durante todo o trabalho de pesquisa não perder de vista a relação dos jovens com o mundo, seus valores, suas representações de si e do outro, como vivem, o que gostam (Consumo) como são suas redes sociais, pode-se concluir que dentre os demais espaços que fazem parte da vida dos jovens desta pesquisa, a escola e a internet são as referências mais mencionadas para suas práticas de sociabilidade, por falta de opções.

Num primeiro momento, podemos constatar que parte dos jovens da pesquisa encontram algumas dificuldades para estar em espaços de sociabilidade para além da escola e da internet. Tais dificuldades podem estar associadas a uma série de faltas, dentre elas, a falta de condições econômicas para o acesso a outros espaços de lazer e a falta de espaços públicos para encontros, onde possam estar juntos e praticar suas culturas, resultando para a escola uma espécie de incumbência velada para dar conta de demandas que, muitas vezes extrapolam as suas condições.

Quanto às hipóteses versam sobre as relações de poder entre os grupos e de marcar território levam a violência entre os jovens; Pais permissivos, famílias desestruturadas levam a inversão de valores onde os jovens pensam que podem tudo sem medir consequências; foram confirmadas principalmente se analisarmos as afirmações do grupo focal e as entrevistas de alguns professores onde ambos os grupos confirmam que a maioria das violências praticadas por jovens/adolescentes na escola vem de casa, da desestrutura familiar e das relações de poder da família em cima do jovem, que pensa em reproduzir o que tem em casa, o que vivencia de fato, se é tratado com violência é a única lei que conhece e assim vai proceder nos ambientes onde fizer parte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M., WAISELFIZ, J., ANDRADE, C., & RUA, M.G.. **Gangues, Galeras, Chegados e Rappers:** juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

-----, M , PRIOTTO, Elis Palma. **Violência Escolar:** na escola, da escola e contra a escola. (2005 apud Priotto, Elis Palma, Lindomar Wessler Boneti- ISSN 1518-3483 - Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 9, n. 26, p. 161-179, jan./abr. 2009 - ©Revista Diálogo Educacional.)

-----, M; RUA, M. das G. **Violência nas escolas.** Brasília: UNESCO, 2002.

-----, M; RUA, **ANDRADE** Carla Coelho de- [1] . WAISELFISZ, Julio., segundo “Mapa da Violência 2006: os Jovens do Brasil. Brasília: OEI, 2006 www.unesco.org.br, Acessada em 14/08/2014

-----, M.; CASTRO, M. G. & SILVA, L. B. da S. **Juventude e Sexualidade.** Brasília: Unesco, 2004.

ABRAPIA – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA MULTIPROFISSIONAL DE PROTEÇÃO A INFÂNCIA E À ADOLESCÊNCIA. Maus-tratos contra crianças e adolescentes – proteção e prevenção: Guia de Orientação para educadores. Petrópolis: Autores & Agentes & Associados, Abrapia, 1997.

ANDRADE Carla Coelho de, **Entre gangues e Galeras:** juventude, violência e sociabilidade na periferia do Distrito Federal. Tese de Doutorado, 2007 – Universidade de Brasília – UNB – Instituto de Ciências Sociais-ICS – Departamento de Antropologia –DAN – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social – PPGAS.

-----, Lédio Rosa de. **Violência:** psicanálise, direito e cultura. Campinas, SP: editora Millennium, 2007.

AQUINO, Julio Groppa. Do cotidiano escolar: ensaios sobre a ética e seus avessos. São Paulo: Summus, 2000.

-----, J.G. **A desordem na relação professor-aluno:** indisciplina, moralidade e conhecimento. In: AQUINO, J.G. (Org.) Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996a, p. 39-55. . p. 73- 82.

_____. **Educação e Violência.** São Paulo, V.26, n.227, p.35- 6,mar.2000.

ARAÚJO, Carla. A violência desce para a escola: suas manifestações no ambiente escolar e a construção da identidade dos jovens. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

-----, T. M. et al. **Trabalho docente e sofrimento psíquico**: um estudo entre professores de escolas particulares de Salvador, Bahia. *Revista da Faeeba – Educação e Contemporaneidade*, 12(20): 485- 495, 2003

ASSOCIACAO BR67ASILEIRA DE NORMAS TECNICAS. NBR 14724. *Informação e documentação – Trabalhos acadêmicos – Apresentação*. Rio de Janeiro, 2014..

ASSIS, Rodrigo Vieira de. **Contribuição aos Estudos da Comunicação**: uma análise sociológica acerca da relação entre mídia, consumo e crime na juventude. IV Encontro Nacional da Ulepicc-Brasil – Rio de Janeiro/RJ – 9 a 11/10/2012

BALLONE GJ. **Síndrome de Burnout**. (2005). Disponível em www.psiqweb.med.br. Acesso em: 14/07/2010. IN Freudemberg H – Staff burnout, *Journal of Social Issues*, 30:159-165, 1974. Portal da Educação acesso em 04/10/2014.

BOBBIO, Norberto. **Estado, governo, sociedade**: para uma teoria geral da política. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

BOSI, A. **O ponto cego do ensino primário**. O nosso professor primário é remunerado como se fosse um operário não qualificado. Folha de S.Paulo, São Paulo, 09 mar.1997.

BOURDIEU, Pierre (1980b). **O Capital Social** – Notas Provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (orgs.). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998, pp. 67-69. (1987). *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. (1980). **O Capital Social** – Notas Provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (org.). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **A distinção**: crítica social do julgamento. 1ª reimpr. – São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

_____. **O poder simbólico**. 13. Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência a Saúde. **Notificação de maus-tratos contra crianças e adolescentes**: Um passo a mais na cidadania em saúde. Brasília: MS, 2002.

CANDAU, Vera; LUCINDA, Maria da C.; NASCIMENTO, Maria das Graças. **Escola e violência**. Rio de Janeiro: DP & A, 1999.

CANDAU, Vera, LUCINDA, Maria da Consolação, NASCIMENTO, Maria das Graças. **Cotidiano escolar e violência**. In FUKUI, Lia: *Escola e violência*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

CARRANO, Prof. Dr. Paulo. **Jovens, escolas e cidades**: entre diversidades, desigualdades e desafios à convivência.. Comunicação apresentada no II Colóquio Luso-Brasileiro de Sociologia da Educação, realizado na cidade Porto Alegre, 2009. Disponível no site www.uff.br/observatoriojovem/sites, acesso em 24/11/2014.

CHARLOT, B. **A violência na escola**: como os sociólogos franceses abordam esta questão. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 4, nº 8, jul/dez 2002, p. 432-443. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16.pdf>> Acesso em: 02 Novembro/2014.

CODO, W., & Vasques-Menezes, I. (1999). **O que é burnout?** Em W. Codo (Org.), *Educação: Carinho e trabalho* (pp. 237-255). Rio de Janeiro: Vozes. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932002000200004&script=sci_arttext. Acesso em 02 de novembro de 2014.

CODO, Wanderley (Coord.). **Educação: Carinho e Trabalho**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999
(Apud **Ruduit**, Sandra Rodrigues, 2005.)

COLOMBIER, Claude *et al* . **A violência na escola**. São Paulo: Summus, 1989.

COSTA, J. F. **Violência e psicanálise**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DAYRELL, J.T.; **GOMES**, N.L. **Formação de agentes culturais juvenis**. In: ENCONTRO DE EXTENSÃO DA UFMG, 6, 2003, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: PROEX; UFMG, 2003. p. 1-4.

-----, J.T. **A música entra em cena**: o rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

-----, J.T. - **A escola “faz” as Juventudes?** Reflexões em torno da Socialização Juvenil - *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007, Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>>

-----, J.T.; **LEÃO**, G.; **BATISTA**, J. **Juventude, pobreza e ações sócio-educativas no Brasil**. In: **SPOSITO**, M. (Org.). *Espaços públicos e tempos juvenis: um estudo de ações do poder público em cidades das regiões metropolitanas brasileiras*. São Paulo: Global, 2007

-----, Juarez. **O jovem como sujeito social**. *Revista Brasileira de Educação*. 2003, nº 24, set/out/nov/dez. **DAYRELL**, Juarez. **Juventude e Escolarização: os sentidos do Ensino Médio**. **TV Escola, Salto para o futuro**: Secretaria da Educação a distância, Ministério da Educação, ano XIX, boletim 18, 2009.

DUBET, F . **Ética e Sociologia da Moral**. (2006). São Paulo: Editora.Landy .

-----, François. (1996), **A sociologia da experiência**. Lisboa, Instituto Piaget.

_____. (1998), “**A formação dos indivíduos: a desinstitucionalização**”. Contemporaneidade e Educação, ano III, 3: 27-33, mar., São Paulo. (apud **Setton**, Maria da Graça Jacintho, 2005. A particularidade do processo de socialização contemporâneo)

_____, F. **El declive de la institución: profesiones, sujetos e individuos en la modernidad**. Barcelona: Gedisa, 2006.

-----, François. **El declive de la institución: profesiones, sujetos e individuos en la modernidad**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2006. (apud **CARRANO**, Prof. Dr. Paulo. **Jovens, escolas e cidades: entre diversidades, desigualdades e desafios à convivência**. 2009).

DURKHEIM, Émile. Educação e sociologia. São Paulo: Melhoramentos, 1952.

-----, Émile. **As regras do Método Sociológico**. São Paulo: Nacional, 1963

-----, E. **A educação moral**. Petrópolis: Vozes, 2008.

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente Lei Federal n. 8069 de 13 jul. 1990. Niterói: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2002.

FANTE, Cléo. Bullying Escolar: perguntas e respostas. Editora Artmed. Campinas, 2008

-----, C. A. Z. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. ed. Campinas: Verus, 2005.

FERREIRA, C., & Silva, S. (1999). A educação para a cidadania no ensino Básico e secundário português. (1974 – 1999 p. 2076). Inovação.

FREUDEMBERG H – Staff burnout, Journal of Social Issues, 30:159-165, 1974. Apud **Ballone GJ. Síndrome de Burnout**. Disponível em www.psiqweb.med.br. Portal da Educação acesso em 04/10/2014.

FUKUI, L. Segurança nas Escolas. In: CANDAU, Vera, LUCINDA, Maria da Consolação, NASCIMENTO, Maria das Graças. **Cotidiano escolar e violência**. Rio de Janeiro: DP&A., 1999, p.29.

GATTI, Bernadete Angelina. Os Professores e Suas Identidades: o desenvolvimento da heterogeneidade. Cadernos de Pesquisa, nº 98, Fundação Carlos Chagas, SP: Cortez, 1996.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 3a. ed. São Paulo: Altas. 1991.158 p.

JÉLVEZ, Julio Alejandro Quezada. Programa Estadual de Prevenção à Violência nas Escolas “Comitê Comunitário de Prevenção à Violência nas Escolas” . 2011 Governo do Estado do Rio Grande do Sul 2011 – 2014 .

KEHL, M. R. (2000). Introdução. Existe a função fraterna? In: Kehl, M. R. *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

-----, Maria Rita (Org). **Função Fraterna**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000, p. 145-170.

LAHIRE, B. Patrimônios individuais de disposições: por uma sociologia à escala individual. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Oeiras, n. 49, p. 11-42, 2005.(apud Abrantes, 2011. Pedro Abrantes – Para uma teoria da socialização *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXI, 2011, pág. 121- 131 -139 132)

-----, Bernard (2002a), **Homem Plural:** os Determinantes da Acção, Petrópolis, Vozes. – (2002b), *Portraits Sociologiques: Dispositions et Variations Individuelles*, Paris, Nathan. – (2005), “Patrimônios individuais de disposições: Para uma sociologia à escala individual”, in *Sociologia, Problemas e Práticas*, 49, 11-42.

-----, Bernard. (1998), *L’homme pluriel*. Paris, Nathan.

_____. (2002), **Homem plural:** os determinantes da ação. Petrópolis, Vozes. (apud Setton ,Maria da Graça Jacintho, 2005. A particularidade do processo de socialização contemporâneo)

-----, Bernard. **A cultura dos indivíduos**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LONGO, Malu. Violência e medo rondam as escolas. In Milca Severino (LONGO, O Popular, Goiânia,2008, p. 5.18 nov. 2008)

LUCINDA, Maria; NASCIMENTO, Maria e CANDAU, Vera. Escola e Violência. . Rio de Janeiro. Editora DP&A, 1999.

MACHADO, Camila S. A inter-relação das drogas com a violência nas escolas. In: MEDRADO, H. (Org.) *Violência nas escolas*. Sorocaba: Editora Minelli, 2008, p. 149.

MAFFESOLI apud GUIMARÃES, Áurea M. A dinâmica da violência escolar-conflito e ambiguidade. São Paulo: Editora Autores Associados, 1996.

MATTOS, W. N. Gangues – A força da coletividade. In: *Criação Revista do CREIA* (Centro de referência de Estudos da Infância e Adolescência) 1995. pp 25-38.

MENDES, Norma Musco. Roma e o Estigma da Violência e Crueldade. BUSTAMANTE, Maria Regina da Cunha e José Francisco de Moura. (Org.) *Violência na História*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2009.

MICHAUD, Yves. A violência. São Paulo: Ática. 2001.

MOREIRA, Bernadete S. **A linguagem corporal**: formas negociadas contra agressões do meio. In: MEDRADO, H. (Org.) *Violência nas escolas*. Sorocaba: Editora Minelli, 2008.

PAIS, J.M. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

-----, J.M. **Praxes, graffitis, hip hop: movimientos** y estilos juveniles en Portugal. In: Feixa, C.; Costa, C.; Pallarés, J. (Org.). *Movimientos juveniles en la Península Ibérica: graffitis, grifotas, okupas*. Barcelona: Ariel, 2002. p. 11-33.

PAREDES, Eugênia Coelho; SAUL, Léa Lima; BIACHI, Kátia Simone da Rosa. **Violência**: O que têm a dizer alunos e professores da rede pública de ensino cuiabana. Coleção Educação e Psicologia. Cuiabá: Ed UFMT/FAPEMAT, 2006 p 13 e 15 (apud MICHAUD, 2001, p. 10-11

PRIOTTO, Wessler ; BONETI, Lindomar; Elis Palma. **Violência Escolar**: na escola, da escola e contra a escola. *Revista Diálogo Educacional*, v. 9, n. 26, p. 161-179, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2009.

SALGADO , Gisele Mascarelli. o **Bullying como prática de Desrespeito Social**: Um estudo sobre a dificuldade lidar com o bullying escolar no contexto do Direito, 2010. <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php acessado em outubro 2014>.

SAWAIA, B. B. **Uma análise da violência pela filosofia da alegria**: paradoxo, alienação ou otimismo ontológico. In: SOUZA, L.; TRINDADE, Z.A. (Orgs.). *Violência e exclusão: convivendo com paradoxos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 21-42.

SILVA, Nelson Pedro. **Ética, indisciplina e violência nas escolas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

SILVA, Luiz A. M. da. **Sociabilidade violenta**: uma dificuldade a mais para a ação coletiva nas favelas. In: *Rio – a democracia vista de baixo*. Rio de Janeiro: IBASE,s/d.

SIMMEL, Georg. *Sociologia*. Madrid: Ed. Revista de Occidente, 1977 .

-----, G. **Sociologia**. Organizador [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho. São Paulo: Ática, 1983.

SPOSITO, M. P. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil**. *Educação e Pesquisa*. Vol. 27, n. 1, pp. 87-103. 2001.

-----, M.P. **Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude escola no Brasil**. In: ABRAMO, H.; BRANCO, P.P.M. (Org.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-128.

----- M. P. **Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola**. *Revista USP*. Seção Textos, n. 57, pp. 210-226, mar.-mai./2003.

TAVARES DOS SANTOS; José Vicente; Beatriz Didonet Nery & Cátia Castilho Simon, 1999 **A palavra e o gesto emparedados: a violência na escola** (Porto Alegre: PMPA-SMED).

-----, J. V. **Violências e dilemas do controle social nas sociedades da modernidade tardia**. *São Paulo em Perspectiva*, v. 18, n. 1, p. 3- 12, 2004. <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102->

-----, J. V. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.27, n.1, p. 105-122, jan./jun. 2001.

-----, J. V. **A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias**. **Educação e Pesquisa**, v.27, n.1, p.105-122, 2001.

-----, J. V. **Novos processos sociais globais e violência**. *São Paulo em Perspectiva*, v. 13, n. 3, p. 3-17, 1999.

-----, J. V. **A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias**. *Educação e Pesquisa*, v.27, n.1, p.105-122, 2001.

UNESCO, Brasil Volume 4 (2000) www.unesco.org.br, Acessada em 14/08/2014.

-----, **Abrindo espaços: educação e cultura para a Paz**. Brasília UNESCO, 2002

VELHO, G. Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica. In: VELHO, G.; ALVITO, M. (Orgs.). *Cidadania e violência*. 913 estudos, Goiânia, v. 35, n. 5, p. 901-913, set./out. 2008. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ; Ed. da FGV, 2000. p.11-25.

VIANA, Nildo. Escola e violência. In: VIANA, N.; VIEIRA, R. (Org.). **Educação, cultura e sociedade: abordagens críticas da escola**. Goiânia: Edições Germinal, 2002. p.120-121.

WEBER, S. A desvalorização social do professorado. *Contemporaneidade e Educação*, II(2): 156-170, 1997.

LEIS e PROJETOS DE LEI:

Lei 14957 de 16 de julho de 2009;

Lei 3887

Lei 5.089

Projeto de lei nº 01-0069/2009

Projeto de lei nº 5369/09

Projeto de lei nº 6935/10

SITES PESQUISADOS

<http://blog.educacional.com.br>

http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/a_ind_esc_ato_inf.pdf,

<http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php>

<http://www.cedes.unicamp.br>

<HTTP://www.correiodopovo.com.br/Impresso/?ano=115&numero=362&caderno=0&Noticia=201606>.

<http://www.portaleducacao.com.br/educacao/artigos/9740/sindrome-de-burnout>

<http://www.psicologia.org.br/internacional/pscl84.htm>

<http://www.webartigos.com/artigos/bullying-na-escola/67590/#ixzz31JZTSNnc>

<http://www.webartigos.com/artigos/bullying-na-escola/67590/#ixzz31JZTSNnc>

<http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=1&local>.

www.assediomoral.org

www.bullying.com.br

www.diganaoaobullying.com.br

WWW.observatoriodainfancia.com.br

www.psiqweb.med.br.

ANEXO: 01



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

CARTA DE ACEITE - TCC

Eu, SAMPRO RUDVI GARCIA, aceito orientar o Trabalho de
Conclusão do Curso de Ciências Sociais do(a) aluno(a)
Giani Mori da Silva Nunes, número do cartão da UFRGS
_____, intitulado: _____.

Porto Alegre, 07 de Julho de 2014.

Professor(a) Sampa Rudvi Garcia

Departamento: Sociais



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL - ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
Gabinete de Consultoria Legislativa

LEI N.º 14.030, DE 26 DE JUNHO DE 2012.

(publicada no DOE nº 123, de 27 de junho de 2012)

Dispõe sobre as Comissões Internas de Prevenção de Acidentes e Violência Escolar – CIPAVE – no âmbito da rede de ensino público estadual do Rio Grande do Sul.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.

Faço saber, em cumprimento ao disposto no artigo 82, inciso IV, da Constituição do Estado, que a Assembleia Legislativa aprovou e eu sanciono e promulgo a Lei seguinte:

Art. 1.º Poderão ser instituídas, nas escolas da rede de ensino público estadual do Rio Grande do Sul, as Comissões Internas de Prevenção de Acidentes e Violência Escolar – CIPAVE –, como instância integrante dos Conselhos Escolares instituídos pela Lei n.º 10.576, de 14 de novembro de 1995, que dispõe sobre a Gestão Democrática do Ensino Público e dá outras providências.

Art. 2.º Compete às Comissões instituídas por esta Lei:

- I - identificar os locais de risco de acidentes e violências ocorridos no âmbito escolar e arredores, fazendo mapeamento dos mesmos;
- II - definir a frequência e a gravidade dos acidentes e violências ocorridos na comunidade escolar;
- III - averiguar circunstâncias e causas de acidentes e violência na escola;
- IV - planejar e recomendar medidas de prevenção dos acidentes e violências e acompanhar a sua execução;
- V - estimular o interesse em segurança na comunidade escolar;
- VI - colaborar com a fiscalização e observância dos regulamentos e instruções relativas à limpeza e à conservação do prédio, das instalações e dos equipamentos;
- VII - realizar, semestralmente, estudo estatístico dos acidentes e violências ocorridos no ambiente escolar, divulgando-o na comunidade e comunicando-o às autoridades competentes.

Art. 3.º A CIPAVE será composta por representantes dos alunos, pais, professores, direção da escola e funcionários, respeitada a pluralidade, estando previsto um suplente para cada um dos titulares.

§ 1.º A CIPAVE deliberará, independentemente de quorum mínimo, acerca das demandas que lhe compete, devendo, no entanto, seus representantes zelarem pela participação de todos os seus membros.

§ 2.º Será eleito, dentre os membros da CIPAVE, um presidente, um vice-presidente, um primeiro e um segundo secretários, sendo os demais considerados membros efetivos.
<http://www.al.rs.gov.br/legis>

Art. 4.º Serão escolhidas entre as CIPAVES das escolas de uma região representações para integrar Comitês Comunitários de Prevenção à Violência nas Escolas, coordenados pelas Coordenadorias Regionais de Educação, responsáveis por estabelecer parcerias e interlocuções com entidades e instituições que têm interface com a defesa dos direitos das criança e do adolescente, a fim de buscar os procedimentos mais adequados aos problemas de violência no ambiente escolar e no entorno das escolas.

Art. 5.º Fica criado o “Dia Estadual de Prevenção de Acidentes e Violência Escolar”, a ser comemorado anualmente, na data equivalente à data de sanção da presente Lei, que será precedido de uma semana de discussão no âmbito das escolas públicas acerca dos temas objeto desta Lei.

Art. 6.º Esta Lei poderá ser regulamentada no prazo máximo de 60 (sessenta) dias após a sanção.

Art. 7.º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

PALÁCIO PIRATINI, em Porto Alegre, 26 de junho de 2012.

FIM DO DOCUMENTO - <http://www.al.rs.gov.br/legis> 2

ANEXO: 03

ROTEIRO ENTREVISTA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

1. Qual a visão da Secretaria referente a violência escolar? Há diferença entre escola pública e privada?
2. Como a secretaria avalia a violência nas escolas entre alunos cada vez mais novos? Como se define a situação hoje dentro das escolas quanto a crescente violência de todas as especificidades (bullying, física, psicológica, social, etc.)?
3. Quais as ações (medidas) concretas que são realizadas em parceria Secretaria e Escola quanto a violência?
4. Como são feitas estas parcerias? há acordo das instituições com os métodos adotados pela Secretaria?
5. Como a secretaria analisa a eficácia destas ações dentro das escolas? Elas estão apresentando resultados esperados?
6. Há acompanhamento dentro das escolas dessas medidas adotadas? como é feito e por quem?
Como a escola recebe estas medidas?
7. Quanto a questão das drogas e violência físicas graves, como é feita a intervenção da Secretaria? Que tipo de apoio a escola recebe da secretaria? As escolas públicas estão equipadas para o problema?
8. Tem alguma outra Instituição que apoia a Secretaria junto a esta proposta de trabalho? Qual a ação específica desta instituição?
9. Qual sua opinião quanto a questão da nova "Ordem dos Conselhos escolares" que daqui alguns dias votarão a proibição da expulsão de alunos da escola?
10. A possibilidade de expulsão do aluno poderia conter excessos de alguns jovens dentro das escolas?

11. No caso de escolas com a inclusão de alunos em medida socioeducativa, há atenção diferenciada da secretaria?
12. A questão da violência entre jovens/adolescentes influi na qualidade do ensino e de vida no ambiente escolar?
13. Como a secretaria atua sobre a crise da profissão de professor? Essa crise se relaciona com formas de violência na escola?

Obrigada.

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O DIRETOR DA ESCOLA

NOME: _____

DATA DA ENTREVISTA: _____

LOCAL: _____

PONTOS:

- I – TIPOS DE VIOLÊNCIAS
- II – INICIATIVAS DA ESCOLA
- III – PROJETOS
- IV – PARTICIPAÇÃO DOS PAIS

1. PARA VOCÊ O QUE É VIOLÊNCIA?
 2. QUE TIPO DE VIOLÊNCIA JÁ HOUVE NESTA ESCOLA?
 3. A ESCOLA SENTE-SE PREPARADA PARA TRABALHAR COM AS SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA?
 4. QUANDO SURGE ALGUM PROBLEMA ENVOLVENDO ALUNOS QUE MEDIDAS SÃO TOMADAS PELA ESCOLA?
 5. QUE INICIATIVAS SÃO TOMADAS PARA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR?
 6. JUNTO AOS PAIS JÁ FOI DESENVOLVIDO ALGUM TIPO DE OFICINA, PROJETO, PALESTRA ABORDANDO O PROBLEMA DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA?
 7. COMO É A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA ESCOLA?
 8. COMO O SENHOR ANALISA A QUESTÃO DA VIOLÊNCIA ENTRE OS JOVENS?
 9. QUAIS OS FATORES DESENCADEANTES DESTA VIOLÊNCIA?
 10. EM SUA OPINIÃO HÁ COMO REVERTER ESTE QUADRO DE VIOLÊNCIA DENTRO DAS ESCOLAS? COMO?
 11. A ESCOLA TEM ALGUM APOIO DE INSTITUIÇÕES COMO DECA, CONSELHO TUTELAR, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E OU OUTROS ORGÃOS LIGADOS A EDUCAÇÃO?
 12. HÁ ALGUM AUXÍLIO AO PROFESSOR EM CASOS DE AGRESSÕES, QUAIS AS PROVIDÊNCIAS TOMADAS PELA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO EM RELAÇÃO AO ALUNO AGRESSOR BEM COMO DA PRÓPRIA ESCOLA?
- QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES

ROTEIRO DE PESQUISA PROFESSORES

:

- 1) Seu nome e sua função
- 2) A quanto tempo exerce a função de professor(a) qual sua graduação?
- 3) Por que escolheu esta profissão
- 4) Continua estudando se especializando?
- 5) Trabalhou sempre nas escolas públicas? Ou teve outras experiências?
- 6) Já vivenciou situações de violência? Já sofreu alguma forma de violência?
- 7) Como se sentiu, como reagiu? Você acha que mudou depois disso, em quê?
- 8) Houve alguma situação de violência que tenha te marcado, que sentimentos provocou?
- 9) Que mudanças ou pensamentos passou a ter sobre o assunto?
- 10) O que acha que poderia ser feito para poder evitar a violência ou diminuí-la ou diminuir seus efeitos?
- 11) Hoje quais são seus maiores medos? Preocupações?
- 12) Como você definiria as escolas e os alunos de hoje?
- 13) Como vê as questões das políticas para a educação? São eficientes ou ineficientes?
- 14) O ECA qual sua opinião sobre estas leis de Proteção a Criança e o Adolescente?
- 15) Como você vê a questão da redução da maioria penal para os adolescentes?
- 16) Resolveria a questão da violência, reduziria ou inibiria a quem fosse praticá-la?
- 17) As escolas dispõem de ajuda em casos de violências extremas entre alunos ?
- 18) Quais órgãos governamentais que auxiliam a escola nestas ocorrências, são eficientes?

ANEXO: 06

SOCIALIZAÇÃO ENTRE ADOLESCENTES E JOVENS – PESQUISAS 2014

Nome da Escola : _____

Cidade: _____ Diretoria de Ensino: _____

Grau de Instrução: _____

1. Idade _____ sexo: Feminino () Masculino ()
2. Mora com _____
3. Você tem amigos na escola? _____
4. Como é um amigo? _____
5. Que motivos justificam a escolha desses colegas para compor o grupo? _____
6. Faz parte de algum outro grupo? _____
7. Têm algum grupo de que não fariam parte? Porquê? _____
8. Como você vê as amizades entre os colegas da sala? _____
9. Acha que existem panelinhas na sala? _____
10. Quais são as panelinhas? _____
11. Todo mundo faz parte de alguma panelinha? _____
12. Você faz parte de alguma? _____
13. A turma é unida? _____
14. Os grupinhos/amizades mudaram do começo do ano para cá? _____
15. Existem pessoas que são líderes dentro da sala? _____
16. Têm apelidos? Quais e por quê? _____
17. Têm “inimigos” na escola? _____
18. Quais os principais motivos dos conflitos? _____
19. Já brigou na escola? _____
20. Já sofreu algum tipo de preconceito/discriminação na escola? _____
21. Seus amigos da escola são seus melhores amigos? _____
22. Têm outras redes de amigos? Quem são eles? _____
23. Conhecem alunos de outras salas? _____
24. Como se conheceram? _____
25. São tão amigos quanto com os da sala? _____
26. Qual é a importância das amizades para a sua relação com a escola? _____
27. Por quê? _____
28. Existe separação entre os meninos e as meninas? _____
29. Gostam de vir para a escola? Por quê? _____
30. O que gostam de fazer na escola? _____
31. O que não gostam na escola? _____
32. O que a escola tem de pior? _____
33. O que fazem no recreio? _____
34. Matam aulas? _____
35. Com que frequência? _____
36. Para fazer o quê? _____
37. Comunica-se com colegas fora da escola pela internet ou pelo telefone? _____
38. Com que frequência? _____
39. O que fazem juntos? _____
40. Já presenciou objetos de violência na escola (faca, estiletes, armas, thaco, etc.)? _____
41. Você já teve ou tem uma arma de fogo ou outro tipo de arma? _____
42. Você sabe onde/quem tem ou quem vende armas? _____
43. Já presenciou brigas na escola ou fora dela? _____
44. Na sua opinião porque os jovens brigam tanto? _____
45. Há algum fator na sala de aula que faça com que você não consiga se concentrar nos estudos? _____
46. Quais suas sugestões para melhorar as relações no ambiente escolar? _____

REPORTAGENS DA COPREVE EM SUAS CRES.

25ª CRE realiza seminário de mediação de conflitos

No dia 25 de setembro, professores e alunos reuniram-se na 25ª Coordenadoria Regional de Educação, de Soledade, para participar do Módulo IV do Curso de Mediação de Conflitos no ambiente escolar, com o Seminário de Ações e Práticas de Mediações realizadas nas escolas. O encontro contou com a participação do Delegado Regional de Polícia da 24ª DRP- Dr. Alicildo José dos Passos, que abordou questões sobre violência escolar, indisciplina e bullying. Os trabalhos envolvendo pais, professores e alunos na prevenção de violência e desenvolvimento da cultura da paz continuam na Coordenadoria, sendo programados para os próximos dias, palestras nas escolas sobre o tema, em parceria com a Polícia Civil. (Publicação: 26/09/2014 - 17:43 – Site da SEC)

16ª CRE

Coordenadoria reúne-se com alunos para formação do COPREVE

Acontece na quarta e quinta (20 e 21), em Bento Gonçalves, no Instituto Estadual de Educação Cecília Meireles o encontro do COPREVES, que vai reunir 60 alunos e professores de doze escolas, para a realização do Módulo II de formação, realizado pela Secretaria de Estado da Educação (Seduc). II Módulo de Mediação Escolar - COPREVE: Processo de mediação de conflitos na sala de aula, no ambiente escolar e no entorno das escolas. A temática a ser trabalhada durante os dias será: “Cultura de Paz”, Mediação de Conflitos. (Publicação: 19/08/2014 - 13:43)

ANEXO: 08

UNICRED 

28 | Segunda

6 701

8h Porto Alegre, 03 de Novembro 2014.

9h — Boa Tarde, Sr. Jeani
venho por meio desta, informar
10h a escola em seu nome que
o meu filho necessita.11h se ausentar das aulas por
varias vezes.12h Motivo de intervenção policial
em nosso bairro, no bairro -13h ao dia 13, 14, 15, 16, 17 e no
seu dia seguinte como José14h deve ter visto nos jornais e
noticiário.15h E teve de faltar nos dias
30 e 31 de novembro por motivo de16h doença. Ele trabalhou o período desta-
rio e teve dor de cabeça.17h Quero muito contar com seu
ajuda e desde já agradeço.

18h

19h

20h

MAIO 2014

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
			01	02	03	04
05	06	07	08	09	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

Porto Alegre, 29 de setembro de 2014

Defesa em relação ao caso do aluno XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

O XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX através de seu representante legal o Senhor Diretor xxxxxxxxxxxx, Juntamente com a Vice Diretora xxxxxxxxxxxx vem prestar a defesa referente ao caso do aluno xxxxxxxx. Este adolescente teve várias situações conflituosas na escola, a cada briga com colegas, agressões verbais, desacato a professores, agitação em sala de aula, queixas de colegas e pais de colegas, arruaças em torno da escola, enfrentamento, depredação do patrimônio público, brigas nas proximidades da escola entre outras situações. Sempre foi ouvido e orientado juntamente com seus colegas, algumas atas foram registradas outras não, quando a questão que o envolvia eram de gravidade leve, muitas vezes se optou por conversar com o aluno, Orientar, ouvir o XXXXX, dar a oportunidade para que ele percebesse seus erros, mas a as situações sempre se repetiam, ele pouco ouvia os conselhos e respondi ironicamente para a quem o estivesse atendendo e registrando atas que não iria dar em nada suas palavras eram sempre as mesma: "Isso não dá nada, pode fazer quantas atas quiser meu, não dá nada". A cada entrada no SOE ou na sala da Vice Direção já entrava rindo, certo que poderia desafiar as regras/normas que não seria punido (de fato não era). Seus familiares foram chamados inúmeras vezes estiveram na escola, a Vó, a Mãe e o Avô, todos com atas e eram informados das atitudes do XXX e prometiam tomar providências mas o que se ouvia da própria Avó eram gratificações como viagens, roupas caras, eletrônicos, em fim, o XXXX era premiado pelos seus familiares pelo que deu para notar. Por várias vezes a mãe foi informada da situação, inclusive foi solicitado o encaminhamento do aluno para um profissional Psicólogo, para ajudá-los com a situação de agressividade, enfrentamentos. O aluno XXXX era encaminhado ao SOE (Serviço de Orientação Educacional) muitas vezes, conversava, orientava-o, mas tão logo saía da sala retornava com a agitação e brigas. Nos relatos das professoras era que provocava os colegas, debochava o tempo todo dos professores, não realizava a maioria das atividades, e quando fazia era pela metade, só teve uma pequena melhora na realização das atividades neste ano devido a ser repetente. A Família sempre foi bem recebida pela direção da escola, pela supervisão e orientação, os quais mostraram-se solícitos as suas queixas e reivindicações, explicava-se tudo o que ocorria na escola com o XXX e a situação que já estava insuportável. A escola XXXX e sua Equipe Diretiva e Pedagógica sempre se mostraram presente nos atos de indisciplina do aluno XXX, realizando aconselhamentos, atas, conversas tanto com o aluno quanto com a família aconselhamentos por parte de conselheiros tutelares, mas nunca deixamos de fazer algo pelo menino, tudo o que pudemos fazer em prol de ajudá-lo a escola fez. Somos limitados quanto a ajudas de outros órgãos, como por exemplo não temos a nossa disposição psicólogos, ajudas de outras entidades como Conselho Tutelar, que raramente comparecem na escola só em extremos, a própria Secretaria de Educação em seu setor de Violência na escola, quando consultada apenas tinha a oferecer palestras, o que nossa equipe Pedagógica já providenciava, em fim estamos fazendo o que é possível dentro de nossas possibilidades. Neste ano já perdemos colegas professores que foram embora ou trocaram de escolas devido as agressões verbais de alunos e o desrespeito a sua pessoa. Estamos vivendo momentos de tensão nas escolas onde nossos profissionais andam acuada estressados devido a tanta violência, falta de respeito e falta de apoio tanto da família quanto dos órgãos que se dizem parceiros das escolas. Ao invés de questionarem o que a escola fez em relação ao aluno, deveriam fazer ao contrário: O que fizeram para ajudar a escola a solucionar o problema? Esperamos que leiam esta defesa e reflitam sobre a possível volta deste aluno para a nossa escola, visto que O XXXX já havia sido convidado a se retirar da escola anterior a nossa, seria uma falta de consideração a todos os profissionais que aqui trabalham e ao Conselho Escolar, bem como a sua volta acarretaria serias consequências pedagógicas como o fortalecimento do comportamento desrespeitoso do aluno frente aos seus colegas e professores.

XXXXXXXXXX
(Diretor)



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

Porto Alegre, 17 de outubro de 2014.

Of. nº 051/14

Ao
Ministério Público Estadual

Ref.: Afastamento de aluno com problemas de indisciplina

O XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX, localizado na Rua Adão Baino, 206 – Bairro Cristo Redentor – Porto Alegre, vem solicitar o estudo e providências do caso referente ao aluno XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX. Filho de XXXXXXXXXXXXX e de XXXXXXXXX, nascido aos 20/02/2000, residente e domiciliado sito à Rua XXXXXXXXXXX Bairro Sarandi – Porto Alegre/RS. Telefones dos responsáveis: 51-XXXXXXXXXXXX.

O referido aluno foi convidado a transferir-se da Escola pelo Conselho Escolar, devido às questões de comportamento. Vários registros foram efetuados com o aluno e seus responsáveis, tais como atas, conversas com o aluno e/ou responsáveis, aconselhamento com a Orientadora Educacional. A escola procurou auxiliar o aluno e orientar a família sobre o que vinha acontecendo. A família sempre se comprometia a ter uma conversa séria com o aluno, mas tudo continuava na mesma, foi sugerido um acompanhamento de um profissional (psicólogo), o que não foi observado. Várias vezes a família esteve presente na escola e sempre o mesmo discurso. O menino alegou ser usuário de maconha na frente da própria mãe, e ela não contestou, só ficou chateada com o afastamento da escola, pedindo novamente mais uma oportunidade para o aluno, sendo que várias já foram dadas anteriormente. O XXXXX era agressivo com os colegas e professores, e mantinha os mesmos comportamentos, desaforos, deboches, vinha transtornado para a sala de aula suspeitava-se que era devido ao uso da maconha, brigava, ameaçava colegas e professores. Sempre com ar impetuoso de que poderia fazer qualquer coisa e nada lhe aconteceria. Por estas e outras situações constrangedoras o aluno foi encaminhado ao Conselho Escolar que analisou os registros e decidiu por unanimidade que o aluno deveria transferir-se para outra escola. Em anexo um relato das ocorrências com o aluno esclarecendo nossas ações e cópia de atas para análise do caso.

Nestes Termos
Peço Deferimento.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
(Diretor)



ANEXO: 11

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

Porto Alegre, 20 de outubro de 2014.

Of. nº 053/14

Ao Conselho Tutelar – Micro 3

Ref.: Descaso familiar com alunos

O XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX, localizado na XXXXXXXXXXX – Bairro Cristo Redentor – Porto Alegre, vem solicitar o estudo e providências do caso dos irmãos XXXXXXXXXXX, nascida aos 21/01/2000 estudante do sétimo ano e XXXXXXXXXXX, nascido aos 24/03/2006, estudante do terceiro ano do Ensino Fundamental; residentes e domiciliados à Rua XXXXXXXXXXX, 208, Bairro Vila Jardim em Porto Alegre – RS. Filhos de XXXXXXXX e tendo como responsável a Tia XXXXXX vivem com as tias e a mãe, mas quem a firma ser a verdadeira responsável pelos dois é a tia XXXX, conforme seu relato em anos anteriores que a mãe teve problemas emocionais e não tem condições de zelar pelos filhos. Os irmãos estão sendo encaminhados ao Conselho Tutelar devido às dificuldades que a Escola está encontrando de falar com a família e resolver as situações dos mesmos. A aluna IXXXXX é repetente e a família já foi informada várias vezes, pessoalmente e por telefone da sua infrequência à Escola. É comum ela faltar vários dias em uma semana, quando está em aula conversa muito, não faz todas as tarefas, desrespeita professores e colegas, utiliza vocabulário inadequado (palavrões) e tem atitudes de enfrentamento. Aconselhamos a família a buscar acompanhamento psicológico para a aluna, visto que apresenta dificuldades nos relacionamentos e é muito agressiva verbal. A escola já fez vários registros das atitudes da XXXX que se caracterizam por desacato e indisciplina.

O aluno XXXX está com muitas dificuldades de aprendizagem, o que foi informado ao longo do ano aos responsáveis. Ele apresenta sérias dificuldades na leitura, escrita, na matemática e observa-se dificuldades na fala. No final do mês de setembro a Tia procurou uma professora particular para ele.

Os dois alunos necessitam de acompanhamento especializado, o que já foi solicitado à família e até o momento não atendido. A família é chamada frequentemente à Escola, através de bilhetes, telefonemas e recados. Raramente os chamados são atendidos. Percebe-se negligência da família em relação à Escola.

É urgente uma avaliação psicopedagógica e fonoaudiológica com o XXXX e uma avaliação psicológica com a XXXXa fim de verificar o acompanhamento necessário para eles. Solicitamos o auxílio do Conselho Tutelar com o objetivo de acompanhar estes alunos.

Nestes Termos
Peço Deferimento.
XXXXXXXXXXXXXXXXX
(Diretor)



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

Porto Alegre, 02 de dezembro de 2014

Ao Conselho Tutelar – Micro 3

Ref.: CASO ALUNO XXXXXX

Conforme ofício sob nº 053/14, enviado ao Conselho Tutelar Micro 3 no dia 20 de outubro, onde relata o descaso e negligência com o aluno XXXXX por parte de seus responsáveis. Informamos que após o ofício e de o Conselho Tutelar ter falado com a família e da vinda da Tia na escola tudo continua igual, isto é nada foi feito para ajudá-lo nas questões de saúde e de aprendizagem.

No dia 01 de dezembro teve avaliações na escola e o XXXX não conseguiu realizar nada entregando a prova em branco somente com o seu nome e na data de hoje, 02 de dezembro o aluno teria nova avaliação e não compareceu. É visível e preocupante as dificuldades que o aluno vem apresentando tanto nas questões de relacionamento, psicológico como na aprendizagem. A Tia foi orientada, novamente, de procurar atendimento com especialistas como neuropediatra, fonoaudiólogos e psicopedagogos para fazer avaliação do XXXX e descobrir os motivos de tantas dificuldades. Estamos em dezembro e nada foi feito, novamente a Tia prometeu e não cumpriu.

O aluno XXXX está com muitas dificuldades de aprendizagem, o que foi informado ao longo do ano aos responsáveis. Ele apresenta sérias dificuldades na leitura, escrita, na matemática e observam-se dificuldades na fala. No final do mês de setembro a Tia procurou uma professora particular a qual não está obtendo sucessos, pois o aluno precisa ir além.

Solicitamos o auxílio do Conselho Tutelar com o objetivo de acompanhar este caso, visto que se torna uma negligência por parte desta família em relação aos filhos, assim como o XXXX a irmã XXXX, também informada no ofício 053/14 continua faltando as aulas.

Nestes Termos
Peço Deferimento.
XXXXXXXXX
(Diretor)

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

Porto Alegre, Junho de 2012

RELATÓRIO

NOME: XXXXXXXXXX

SÉRIE/TURMA/ TURNO: 6º ano – turma 602 – turno tarde

DATA DE NASCIMENTO: 13/07/1996

FILIAÇÃO: Mãe: XXXXXXXXXX

ENDEREÇO RESIDENCIAL: Avenida Caldeia, 250 Bairro Santo Agostinho– Porto Alegre/RS - CEP: 91130540 – Aldeias SOS

TELEFONE PARA CONTATO: 51- XXXXXXXX/ mãe socialXXXXX – 51- XXXXXXXX responsável pela Aldeia Sr. XXXXXXXXXX – XXXXXXX – Assistente Social: XXXXXXXX 51XXXXXXX

O aluno XXXXXXXX, portador da cédula de identidade número XXXXX, matriculado nesta instituição de ensino na data de 30 de junho de 2011 na quinta série do ensino fundamental, veio encaminhado pela central de matrículas.

Neste ano o Aluno XXXX não conseguiu acompanhar a turma, pois destacava-se de todos pelo idade e defasagem na aprendizagem, fato este que o fez não participar das atividades nem tampouco ficar em aula, passava o tempo todo passeando pelos corredores, desafiando regras e normas da escola, gritava, agredia com palavras e gestos professores, colegas e funcionários, comprometendo o bom andamento da turma.

Em face destas atitudes que o caracterizava o aluno XXXX desenvolveu nos colegas e demais profissional medo e apreensão, pois temiam ser agredidos fisicamente.

Durante estes meses em que estive na escola, passou o tempo todo passeando, entrava nas salas de aulas gritando, chutando portas e lixeiras, ameaçava professores e colegas, muitas vezes teve surtos psicóticos (tomava remédios...) e ficava muito violento sendo controlado somente pela brigada militar, que várias vezes esteve na escola para fazer sua contenção.

Ameaçava a direção tentando agredir, a vice diretora XXXX encerrava-se em sua sala enquanto o aluno a chutes esbravejava em sua porta, fato este que ocorreu várias vezes. Ao ser chamada a Brigada ficava tranqüilo, achava-se o dono da escola, mostrava a todo instante aos colegas seu poder de persuasão de força e agressividade, fazia parte de bondes fora da escola. Fato este que criava terror nos colegas e pais.

Muitas foram às vezes que solicitamos a presença dos responsáveis pelo Aluno XXXX, mas sempre éramos interpelados com a mesma retórica que o aluno estava sendo acompanhado pelos médicos (Psiquiatra e Psicólogos), tanto que fazia uso de medicamentos controlados. Em virtude do grau de periculosidade do Jovem, solicitávamos providências dos responsáveis mas nada era feito, neste ínterim recorremos aos Conselhos Tutelares, Secretaria de Educação e Brigada Militar, todos estes órgãos não nos deram grandes apoio, sendo que o Conselho Tutelar da Micro Região 10 enviou-nos um Ofício de número 1398/2011 datando de 04 de novembro de 2011, alegando que nada poderiam fazer pois o aluno encontrava-se com processos no Judiciário, já a Brigada Militar nos dava apoio imediato quando o aluno estava em surto, mas após estes procedimentos nada mais poderiam fazer, quanto a Secretaria de Educação nos reportou que nada poderiam fazer, alegando que estaríamos repassando o “Problema” (anexos).

Entre estes expostos, ficamos a mercê dos abusos do Jovem, que sabendo do seu poder e da Lei que o protegia (DECA) abusava de suas artimanhas, sendo muito esperto providenciou uma internação hospitalar para não ir para a FASE alegando estar em surto, fato que não ficou tanto tempo na clínica,. Após sua alta tivemos reunião com seus responsáveis, os quais se comprometeram de levar o jovem ao atendimento do CAPS, mas não cumpriram o prometido e o XXXX continuou da mesma maneira e cada vez mais agressivo e dono de si. Dessa maneira em sala de aula os colegas e professores não tinham ambiente para a aprendizagem, já que ficavam apreensivos e amedrontados com a presença do jovem.

Finalizou o ano com muitas ocorrências relatadas em atas (anexos), idas e vindas e apreensões da Brigada Militar, nada mudou. Não tendo condições de acompanhar a turma seu rendimento caiu em face de todos os acontecimentos veio a reprovar.

No ano de 2012 para nossa surpresa o XXXX retornou a escola, mas já no primeiro dia de aula bateu em um colega de aula e ameaçou outros, no segundo dia ficou passeando pela escola, entrava de sala em sala gritando com professores e demais alunos. Quando foi o terceiro dia teve um SURTO e começou a agredir um colega com violência sendo controlado pelo Monitor XXX, mas logo desvencilhou e saiu batendo e quebrando tudo que via pela frente (fotos anexo), quebrou portas a chutes, lixeiras, câmeras de segurança, bebedouros, pegou uma lâmpada fluorescente e saiu atrás de um colega, foi contido pela funcionária monitora XXXX a qual foi agredida pelo XXXX, indo fazer corpo delito no Instituto Médico Legal juntamente com o agressor, que foi levado pela Brigada Militar no mesmo carro. A escola “parou”, alunos chorando amedrontados, ligavam para seus pais, ficou um caos, foi muito difícil controlar a situação, não demorou muito os pais começaram a chegar, exigindo a saída da escola deste aluno, pois estavam apavorados com os acontecimentos.

Devido a toda esta situação os pais exigiram uma reunião com o Conselho Escolar e com toda a direção da escola em situação emergencial, tanto que os conselheiros e diretores foram acionados a vir à escola para a reunião onde em consenso todos exigiam providências imediatas dos responsáveis e pelos órgãos competentes, pois assim não teria como a escola continuar com o aluno nestas condições devido ao grau de periculosidade em que a situação tomou.

Novas atas, contatos com os responsáveis, os quais não vieram a escola e tomaram a decisão de não enviar mais o aluno para a escola, mas até a presente data não entraram em contato pessoalmente, somente por telefone, contato feito pela Orientadora da Escola no dia do acontecimento e na semana seguinte quando a Orientadora novamente entrou em contato e a Assistente Social XXXXXX atendeu as ligações alegando que não enviariam mais o jovem para a escola e que iriam encaminhá-lo ao EJA, solicitando nomes de escolas que tinham este curso no turno diurno, assim foi passado por telefone os nomes das escolas bem como todos os contatos, a mesma alegou que iria fazer a visita nestas escolas.

Após estes contatos não obtivemos mais nenhum contato por parte dos responsáveis, e pelo que sabemos o XXXXX não está matriculado em nenhuma escola de EJA.

Fizemos tudo o que estava em nosso alcance, mas tornou-se impossível a presença do aluno XXXXX, pois o mesmo não se ajudava sempre alegando já ter escolhido seu caminho. Lamentamos e sentimos-nos mais uma vítima desta situação.



ANEXO: 14

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

Porto alegre, 02 de dezembro de 2014.

RELATÓRIO CONSELHO TUTELAR

NOME:

SÉRIE/TURMA/ TURNO: 6º ano – turma 602 – turno tarde

DATA DE NASCIMENTO: 03/04/2001

FILIAÇÃO: XXXXXXXX – Pai: XXXXXXXXXX

ENDEREÇO RESIDENCIAL: Rua XXXXXXXXXXXX– Porto Alegre/RS - CEP: 91350000 – Bairro Cristo Redentor

TELEFONE PARA CONTATO: 51- XXXXXXXX/ mãe– 51- XXXXXXXX

O aluno XXXXX vem apresentando muitos problemas de indisciplina e suspeita-se do seu envolvimento com drogas. Não consegue produzir nada em sala de aula, sequer tira a mochila das costas, constantemente está envolvido em atrito com os colegas, desrespeito aos professores e por inúmeras vezes nos últimos meses vem para a sala de aula só para brigar, seus olhos sempre inchados e avermelhados, como se estivesse gripado funga o tempo todo, não consegue ficar quieto e passa a rir e debochar de todos os colegas, chuta as carteiras, faz piadas de mau gosto, irrita os professores e constantemente sai da sala de aula fica andando pelos corredores com outros colegas ou andando pelo pátio.

A mãe foi inúmeras vezes chamada na escola, pelo baixo rendimento e pela indisciplina do aluno, mas nada mudou, a mãe alega que estava com problemas com o irmão mais velho que se envolveu com drogas, esteve internado e teve que deixar de lado o XXXX. O pai é ausente e faz muito tempo que não comparece a escola.

No dia 28 de novembro do corrente ano o XXXX foi visto por um amigo de sua mãe em uma praça próxima ao colégio, no horário que deveria estar em aula juntamente com traficantes do bairro (informações do amigo)

Este amigo mandou-o para a escola, e a mãe foi chamada, por morar próximo veio rapidamente, ao chegar encontrou os Policiais fazendo revistas em uns adolescentes na frente da escola, pois poucos minutos antes a Brigada fora acionada por uma mãe que incomoda com a situação ligou várias vezes para a Brigada exigindo a presença dos mesmos a devido a traficantes estarem vendendo drogas na esquina da escola para alunos do turno da tarde, sendo todos menores de idade,.

A orientadora e a Vice diretora conversaram com a mãe, ela informou que não aguenta mais e que não sabe o que fazer com o menino, pois já está vivendo o mesmo drama com o irmão. Informou que já vai fazer uns três meses que o XXXX vem apresentando este problema e que também está envolvido, como o irmão, nas drogas. Foi orientada a procurar ajuda no Conselho Tutelar. Furiosa pegou o aluno, que estava visivelmente alterado, ria, brincava com a mãe e não concatenava as palavras, a mãe após gritar e esbravejar com o XXXX levou-o para casa.

O aluno XXXX precisa de uma ajuda especializada bem como a família que enfrenta esta dificuldade com o vício da droga. Contamos com o apoio e a ajuda de sempre.

Nestes termos

Pede-se Deferimento.

Direção



ANEXO: 15

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

Porto Alegre, 23 de setembro de 2013.

RELATÓRIO CONSELHO TUTELAR

REF.: Gabriela Andrade Garcia

A aluna XXXX, aluna desta instituição, cursando o sétimo ano do Ensino Fundamental no turno da tarde, turma 701, nascida aos 17/08/2000, filha XXXX e XXXXX, residente e domiciliada na rua XXXXXXX Bairro Ipiranga. XXXXXX mora com a mãe o padrasto e o irmão pequeno, o telefone da mãe 51 XXXXXX.

A aluna XXXX foi retirada da sala de aula pela professora no dia 05 (cinco) de setembro deste ano pois estava fora de si e com forte cheiro de álcool, ao chegar no SOE (Serviço de Orientação Educacional) a XXXXe sua colega confirmaram que haviam ingerido bebida antes de entrar na sala, após conversarmos a XXX relatou que bebeu "PARA ESQUECER DOS PROBLEMAS", percebendo que o caso era mais sério liberei a sua colega e fiquei com a XXXX na sala foi onde ela aos prantos relatou que estava sendo assediada pelo padrasto e que o mesmo já havia beijado a força e passou as mãos em suas partes íntimas e que já havia contado para a mãe quando aconteceu pela primeira vez, a mãe brigou com o padrasto, mas voltou a viver com ele e teve um filho, mas as investidas do padrasto, conforme afirma XXXX continuaram. Não tendo saída, visto que não quer que o irmão fique sem pai e que a mãe não fique sem a pessoa que ama, a XXXX não sabe o que fazer e passou a ter comportamentos nada saudáveis como beber, brigar em aula, fugir das aulas (matar aula), desinteresse pelos estudos.

Conversamos a Psicóloga e a Orientadora com a XXXX e ela estava em pânico pois comentou que a mãe havia proibido dela falar das "COISAS" que acontecem dentro de casa, deixamos ela mais tranqüila afirmando que ela tinha que ter contado antes para uma pessoa de sua confiança, mas devido a este medo sofria calada. Assim que soubemos da história ligamos para a mãe agendando um encontro foi explicado que o assunto era delicado e que ela precisaria vir até a escola, a mãe não compareceu e tampouco ligou, a Orientadora ligou pela segunda vez e agendou com a mãe novo encontro, o qual também não compareceu, ficou de vir pela terceira vez e até agora nada. Decidimos entrar em contato com o Conselho Tutelar para pedir ajuda para a XXXX visto que estamos de mãos atadas pela desconsideração da mãe pelo fato, sendo que foi bem claro que o assunto era "DELICADO",.

No dia de hoje a XXXX nos procurou e comentou que teve uma conversa com a mãe que a forçou dizer o que a Orientadora da Escola queria com ela, assim que contou para a mãe a mesma começou a chorar e disse que também foi abusada quando jovem, mas disse que estava nas mãos da XXXXX fazer algo. Após esta conversa entre as duas o padrasto chegou e as três tiveram uma conversa, ele, claro negou dizendo que estava brincando e que era amigo da XXXX, a mãe não falou mais nada e conforme nos relata a XXXXX, a mãe agendou uma Psicóloga de Família onde os três tiveram sua primeira sessão na quarta-feira passada (18/09). Questionamos como foi o encontro, ela disse que normal, mas que o padrasto a olhava com um ar "estranho" e que não sabe o que fazer.

Diante do exposto pedimos ajuda deste Conselho para que nos oriente e principalmente que ajudem a aluna XXXXX nesta difícil decisão, o que não pode esta menina ficar sofrendo calada.

Ante o exposto
Pede Deferimento.

XXXXXX (Orientadora Educacional)

Porto alegre, 13 de setembro de 2012.

RELATÓRIO AO CONSELHO TUTELAR SEGUNDA REGIÃO

Aos três de setembro de dois mil e doze, no turno da tarde a aluna do quinto ano, T , em ataque de fúria agrediu a professora U com palavrões e gritos, esta mesma aluna já havia levado uma suspensão de dois dias por ter agredido fisicamente a professora quando a empurrou contra a parede. Após conversa com a professora a menina retornou para a sala de aula, prometendo melhorar o comportamento, mas isso não ocorreu, pelo contrário, a menina passou o tempo todo envolvida em brigas com as colegas de aula bem como alunas de outras turmas, fazendo ameaças como trazer seu “bonde” para pegá-las na saída da escola, criando grandes transtornos, sendo que algumas alunas saíram da escola acompanhada de sua professora com medo desta aluna e de seu grupo.

A mãe da aluna já foi chamada duas vezes na escola e alegou que já chamou o conselho tutelar para a menina que não sabe o que fazer e autorizou a escola que fizesse o mesmo, foi feita uma ata do primeiro encontro com a mãe, já no segundo ela entrou rapidamente na escola e não quis esperar que se fizesse a ata, alegando que estava em serviço e não poderia demorar. Foi realizada a ata neste dia sem a mãe e sem a aluna, pois a mesma saiu porta a fora correndo sem permissão e neste meio tempo encontrou a mãe e ficou a esperar por ela no lado de fora da escola. O diretor comentou com a mãe todo o ocorrido, a mãe novamente lamentou e reiterou que devíamos chamar o conselho tutelar e saiu levando a menina embora.

A professora sentiu-se perseguida pela menina que a ameaça com palavras e olhares agressivos, fez um relatório de todas as ações da menina na sala de aula e alega estar sofrendo bullying por parte da menina, não estando mais a vontade para dar suas aulas.

A aluna T já no seu primeiro dia de aula na escola teve desentendimento com colegas e todos os dias há queixas sobre o comportamento desta aluna, como agressões verbais, olhares ameaçadores, os alunos já estão incomodados com este comportamento agressivo e opositor da aluna.

Concluimos que a aluna precisa de ajuda psicológica e uma atenção para toda a família sendo que teve um irmão assassinado na sua frente no final de mês de agosto deste ano, vive em uma área de risco, onde a mãe comentou que a filha até prometida de morte foi na vila onde moram, não contou os motivos das ameaças, por isso trouxe a filha para esta escola, alega que tem toque de recolher na vila e que sua casa já foi alvo de tiroteio.

Diante do exposto solicitamos a ajuda deste órgão tão importante para auxílio e socorro desta família.

Atenciosamente

Serviço de Orientação Educacional

ANEXO: 17

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

Porto Alegre, 17 de outubro de 2014.

Of. nº 053/14

CONSELHO TUTELAR – MICRO 3

ILMO.SENHORES CONSELHEIROS:

O Instituto Estadual XXXXXXXX, localizado na Rua XXXXXX, 206 – Bairro Cristo Redentor – Porto Alegre, através de seu Diretor XXXX, vem apresentar o relatório sobre as ocorrências desenvolvidas pela aluna K., nascida aos 05/07/20006, estudante do segundo ano do ensino fundamental, residente e domiciliada à Rua XXXXXXX – Torre L, Bairro Cristo Redentor em Porto Alegre, RS. filha de XXXXX e de XXXXX Mora com a mãe e o irmão mais novo, os pais são separados. A aluna iniciou na escola no dia 07 de agosto do presente ano, vinda da Escola particular XXXXX; quando a mãe veio fazer a entrevista com a Orientadora Educacional e com a Professora XXXXX do Segundo Ano do Ensino Fundamental foi indagado o motivo da transferência, a mãe comentou que não concordava com alguns procedimentos da escola e por que a menina estava sempre no SOE (Serviço de Orientação Educacional), indagada por que a menina era levada ao SOE, alegou que eram por brigas com os colegas, mas que na maioria das vezes não era sua culpa. Na primeira semana que esteve na escola a K brigou com os colegas e ameaçou um colega com uma tesoura, já na segunda semana ela pegou uma colega pelos cabelos e levou o rosto da colega até o chão, foi levada ao SOE e lá disse que “Querida esfregar a cara dela no chão pra ela ver com quem tá lidando”, conversando com a Orientadora que a indagava porque de tanta violência contou sua história, que em casa vivia com a mãe entre atritos, que a mãe se irritava facilmente e sempre a agredia, comentou: “Prefiro minha mãe bêbada porque ela é mais legal”, disse que aprende a dizer palavrões com a própria mãe que a xinga e diz que não gosta dela. Diante destas revelações, preocupadas tanto a Orientadora quanto a professora resolveram conversar com a avó materna, a qual a menina fala muito bem e expressou várias vezes a vontade de morar com ela. Foi ligado para a avó e feito convite para vir na escola a fim de conhecermos a família da K, a vó se negou dizendo que morava longe da escola e que trabalhava e não tinha tempo, mas avisou que a K precisava de ajuda psicológica achava que a neta tinha bipolaridade ou esquizofrenia. Esta informação também nos deixou muito apreensivos e chamamos a mãe para conversarmos, entre vários assuntos para conhecer a dinâmica da família principalmente sobre o dia a dia da K, como estudava com quem estudava a que horas dormia, como era a sua alimentação, em fim, tudo sobre a rotina da criança. A mãe muito calma alegou que a menina fantasiava muito e contava mentiras, que realmente ela brigava, mas que na maioria das vezes não era ela a culpada. Foi sugerida a mãe uma consulta com um profissional para trabalhar a questão da agressividade da menina, a mãe concordou e disse que providenciaria a profissional, mas o tempo foi passando e nada da mãe trazer o laudo solicitado para a escola, resolvemos ligar para a escola anterior da menina para saber como era o seu comportamento, ouvimos do Monitor que tivéssemos cuidados com a mãe “É uma barraqueira e a criança tem histórico de violência aqui na escola”, diante destas afirmações decidimos falar com a Orientadora da Escola a qual nos falou poucas coisas, mas de grande importância que a menina necessitava urgentemente de uma ajuda psicológica e que a mãe era uma pessoa difícil que a escola há havia solicitado o acompanhamento médico e psicológico mas a mãe resolveu tirar a menina da escola ao invés de procurar ajuda. Diante destas informações ficamos mais firmes e cobramos o profissional da mãe que alegou estar procurando, sendo que a Orientadora indicou três clínicas particulares, mas que fazem preços acessíveis para alunos oriundos de escolas estaduais, bem como foram indicados mais duas intuições gratuitas. Quando foi na sexta feira passada dia 10/10/14, a aluna K brigou novamente com uma colega recém chegada na escola e que não estava acostumada com tamanha violência. “A k pegou nos cabelos da menina e segurando-a deu um chute no peito deixando a criança sem ar, saiu sorrindo gritando que tinha dado uma “lição na novata””, a criança foi socorrida e a K foi enviada ao SOE juntamente com a professora, a aluna teve a oportunidade de se explicar por que havia batido na colega e lhe dado um chute, alegou que a mãe a ensinou que ela deveria se defender e para não ser agredida ela bate primeiro. Juntamente com a menina agredida, ambas puderam falar sobre o ocorrido, a menina amedrontada e muito chorosa disse que não havia feito nada a K só que não queria brincar com ela e por isso foi agredida, foram chamadas as mães onde foi exposto o ocorrido e a coleguinha foi embora, já a K conversamos com a mãe a respeito de tanta violência e questionamos por que a menina não estava fazendo tratamento ainda e se ela não havia conseguido um psicólogo, alegou não ter dinheiro e que está esperando ser chamada no posto de saúde, reafirmamos que a menina precisava urgentemente de atendimento, pois em pouco tempo na escola ela apresentou um comportamento opositor e violento, o que não é normal para uma criança da sua idade, a mãe levou a menina para casa mais cedo. Quando foi na segunda feira e na terça feira a K não veio na escola e como na quarta feira foi feriado ela só retornou na quinta feira dia 16 de outubro, quando em sala de aula começou a mostrar a perna para uma colega dizendo que havia apanhado por causa da nova colega, a professora ouvindo a conversa se aproximou da K onde pediu que levantasse a calça e percebeu vários hematomas na perna, levantou a blusa da menina que também encontrou hematomas no braço e nas costas, assustada levou a K para o SOE, a Orientadora juntamente com a professora conversaram com a K perguntando como ela ficou daquele jeito, foi logo contando que a mãe bateu nela com um cabide e quando ela caiu da cama ela começou a chutá-la e ameaçava se ela gritasse daria muito mais, para que os vizinhos não ouvissem seus gritos e choro teve que apanhar em silêncio. Diante destas informações, as professoras começaram a fazer várias perguntas para a K que contou vários tipos de agressões que sofria com a mãe dentro de casa, comentando que na terça feira passada, quando não veio à escola a mãe a trancou dentro de casa e saiu com o irmão mais novo para levá-lo a escolinha e neste meio tempo ambos almoçaram fora, ficando a menina sem almoço tendo que se alimentar apenas com uma banana, e que geralmente vinha para a escola sem almoçar porque a mãe não tinha tempo de fazer comida

devido a levantar muito tarde, indagada se a mãe trabalhava a K afirmou que a mãe não trabalha fora, disse que: “Vive da pensão do meu irmão”. A professora confirmou que a menina frequentemente chega atrasada. Comentou também que em uma oportunidade a mãe a agrediu tanto que cortou sua cabeça, mas não levaram para o médico com medo, fizeram os curativos em casa. Comentou que gosta do pai mais tem medo dele e que ele fuma e fica estranho. Durante nossa conversa pediu várias vezes se poderíamos ajudá-la a ir morar com a avó que não estava mais aguentando a mãe que já havia falado para outras pessoas do que estava acontecendo, mas que ninguém a ajuda. Conta que a mãe fala mal da avó, mas que ela não acredita. Após todos estes relatos assustadores resolvemos ligar de imediato para o Conselho Tutelar e solicitar a presença de um Conselheiro na escola a fim de ouvir a menina e tirar suas conclusões sobre os ocorridos. Na segunda feira dia 13 de outubro a Orientadora havia ligado para o conselho tutelar micro 3 onde conversou com a Conselheira XXXX e relatou sobre os casos de violência da K, até então não havia sabido das agressões, mas com o fato do hematomas e dos relatos veementes da criança resolveram pedir ajuda ao Conselho Tutelar, que de pronto atenderam e não demoraram a chegar até a escola. A Conselheira XXX ouviu a K, conversou com a professora XXXX, o Diretor e com a Orientadora e levou a criança para fazer um boletim de ocorrência e corpo delito, a professora XXX acompanhou a Conselheira e a K Antes de sair da escola a Conselheira ligou para a mãe da K e informou do que estava sendo feito e convocou a mãe a comparecer diretamente no Conselho Tutelar micro 3 no Bairro Bom Jesus, informou a mãe que a filha estava sob sua custódia, que ela deveria comparecer com todos os documentos da K que iria aguardar e que não viesse na escola.

Durante todo o tempo em que a aluna K esteve na escola sempre foi ouvida, mas nunca havia relatado o que estava se passando dentro de sua casa com a mãe, nossa preocupação até o momento era com seu comportamento agressivo e opositor contra as regras da escola e contra seus colegas, um único olhar e ela já começa a bater, puxar cabelo e/ou dizer nomes muito feios. A K tem um vocabulário inadequado, é uma criança muito madura para sua idade.

Diante do exposto solicitamos os devidos encaminhamentos e investigações das declarações da aluna K para averiguar se procedem e se a criança está realmente passando por sofrimentos.

Nestes Termos
Pede Deferimento.

(Diretor)

ANEXO: 18



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO ESTADUAL DOM DIOGO DE SOUZA

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Camila Ferreira da Silva, nacionalidade Brasileira, menor de idade, neste ato devidamente representado por seu (sua) (responsável legal), Fernanda Ferreira da Silva, nacionalidade _____, estado civil solteira, portador da Cédula de identidade RG nº 91072 04346, inscrito no CPF/MF sob nº _____, residente à Av/Rua Alvaro Nicófoli, nº 25, município de Porto Alegre /RS. AUTORIZO o uso de minha imagem

em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no projeto Conciliadores e no trabalho de pesquisa "A violência nas Escolas: Sociabilidade entre jovens" – da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), bem como nas atividades da Secretaria da Educação na Primeira Coordenadoria e no setor de Prevenção de Violência nas Escolas, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional das seguintes formas: folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc., folder de apresentação; anúncios em revistas e jornais em geral; home page; cartazes; mídia eletrônica (painéis, vídeos, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Porto Alegre, dia 08 de dezembro de 2014.

Fernanda Ferreira da Silva

(assinatura)

Nome Aluno(a) Camila Silva da Rosa
Por seu Responsável Legal: Fernanda Ferreira da Silva
Telefone p/ contato: 85124820



ESCOLA

ESTUDANTE

ATIVIDADE

CABELO LELÊ

LELÊ SABE QUE EM CADA CACHINHO
EXISTE UM PEDAÇO DE SUA HISTÓRIA

O CABELO DE LELÊ É TODO CHEIO DE CACHOS
E O SEU, COMO É? DESENHE.

